



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC  
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**JAIME VIEIRA ROCHA**

**MONSENHOR EXPEDITO SOBRAL DE MEDEIROS:  
um arauto da dignidade humana no sertão potiguar**

**RECIFE/2012**

**JAIME VIEIRA ROCHA**

**MONSENHOR EXPEDITO SOBRAL DE MEDEIROS:  
um arauto da dignidade humana no sertão potiguar**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do conhecimento: Ciências humanas – Filosofia – Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

RECIFE/2012

R672m

Rocha, Jaime Vieira

**Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros : um arauto da dignidade humana no sertão potiguar / Jaime Vieira Rocha ; orientador Newton Darwin de Andrade Cabral, 2012.**

98 f. : il.

**Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado em Ciências da Religião, 2012.**

1. Medeiros, Expedito Sobral de, 1916-2000. 2. Dignidade. 3. Sacerdócio. 4. Profetismo. 5. Biografia cristã. I. Título.

CDU 92

JAIME VIEIRA ROCHA

**MONSENHOR EXPEDITO SOBRAL DE MEDEIROS:**  
um arauto da dignidade humana no sertão potiguar

Dissertação **aprovada** como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:

---

Profª Drª Sylvana Maria Brandão de Aguiar – UFPE

---

Profª Drª Emanuela Sousa Ribeiro – UFPE

---

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – UNICAP

---

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral – UNICAP  
Orientador

RECIFE/2012

Dedico na simplicidade estes escritos, à memória do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, por seu testemunho de vida sacerdotal e compromisso com o evangelho na defesa e promoção da dignidade humana.

Aos sacerdotes mais jovens do que eu, como incentivo ao gosto pela formação permanente e busca do saber, com vistas à edificação do seu ministério junto ao povo de Deus e da sociedade atual.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de água viva, autor de todo o bem, pelo dom de minha existência e por toda a minha experiência humana e vocacional adquirida por Sua infinita bondade, ao longo de meus 65 anos, dos quais, 37 devotados ao ministério sacerdotal e episcopal na Igreja e na sociedade. A Ele também, minha ação de graças pelas constantes lições adquiridas, entre elas, o desenvolvimento da sensibilidade humana nas relações interpessoais, na busca por estabelecer a fraternidade e a solidariedade a todas as pessoas, sobretudo às mais humildes.

Aos meus familiares que, com admiração respeitavam a minha atitude e, ao mesmo tempo, alegravam-se com ela, como sinal de crescimento pessoal.

À Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) por ter sido o espaço de comunicação de novas ideias e crescimento pessoal e intelectual. A todo o corpo docente desta instituição, em especial ao Reitor, professor Dr. Pedro Rubens Ferreira Oliveira e ao professor Dr. Gilbraz de Souza Aragão, Coordenador do Mestrado em Ciências da Religião, pela constante atenção e deferência e incentivo.

Ao professor Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, orientador desta pesquisa, por sua disponibilidade, partilha de saber e por compreender minha grande responsabilidade de conciliar a missão que me foi confiada à frente da Diocese de Campina Grande-PB e, atualmente, na Arquidiocese de Natal-RN, com as exigências da academia.

Agradeço ainda aos professores doutores Gilbraz Aragão, Luiz Alencar Libório, e Sylvana Maria Brandão de Aguiar pela leitura atenta dos escritos desta dissertação e por todas as ricas contribuições para a minha formação acadêmica.

Ao professor Dr. Luiz Carlos Luz Marques pelo motivador correio eletrônico a mim enviado por ocasião de minha entrada neste curso de mestrado da UNICAP.

Não posso deixar de agradecer aos que muito me incentivaram em mais esta etapa de formação e de experiência humana de poder voltar à academia, fazendo-me um, com todos os colegas que, mesmo com faixas etárias e campos de atuação diversificados na sociedade, estavam juntos na itinerância do saber, do conhecimento, da superação de si mesmo e da partilha de dons. Registro aqui o companheirismo e amizade dos colegas de turma: Monsenhor Lucas Batista Neto, os Padres Isaias e José Soares, os Pastores evangélicos Adenilson e Jonatas, os Professores Maria Augusta, José Roberto e José Carlos.

À professora Josineide Silveira de Oliveira que, com sua sabedoria e conhecimento acadêmico, foi grande incentivadora desde a fase de construção do projeto para entrada na pós-graduação.

À professora Maria da Conceição de Almeida da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ex-colega do curso de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, pelo apoio à ideia de retomar os estudos em nível de mestrado.

Ao professor Thiago Isaias Nóbrega de Lucena da Faculdade Dom Heitor Sales (FAHS) que muito contribuiu na parte técnica do texto da dissertação.

No que diz respeito à pesquisa, agradeço à senhora Alba Maria Belchior da Silva, responsável pelo Memorial Monsenhor Expedito, localizado na cidade de São Paulo do Potengi-RN, pela abertura do acervo e disponibilização de material imprescindível para a construção do trabalho.

Por fim, faço meu agradecimento a todas as pessoas que, tomando conhecimento desta causa, manifestaram alegria e contentamento com a minha decisão em dar prosseguimento à minha formação intelectual e humana na busca por compreender o fenômeno religioso na pluralidade do mundo atual.

“Partilhar a água do rio, da lagoa e dos açudes, é partilhar a vida.”

Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros.

“O que me move é a vocação divina da palavra, que não apenas nomeia, mas que inventa e produz encantamento.”

Mia Couto

## RESUMO

O presente trabalho trata da vida do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros (1916 – 2000), um pastor católico que exerceu, simultaneamente, o ofício de sacerdote e o carisma de profeta do povo de Deus, no sertão potiguar. A pesquisa de ordem bibliográfica se deteve no estudo de fontes documentais, registros biográficos e autobiográficos. Teve como objetivo mostrar o enlace da missão espiritual e política na promoção da dignidade da pessoa humana. O estudo oportuniza compreender como é possível dispor a vocação a serviço dos que estão à margem da sociedade, em um contínuo exercício de inclusão social e religiosa, sem esquecer a racionalidade eclesial que combina fé e política. A luta contra a exploração que se realizava através da indústria da seca e a persistente busca pela resolução do problema da falta de água fez o Monsenhor Expedito ser um sinal de esperança e anunciador de um novo tempo.

**Palavras-chave:** Dignidade da pessoa humana; Sacerdócio; Profetismo; Igreja; Modelos eclesiais

## RESUMEN

El trabajo trata de la vida del Monseñor Expedito Sobral de Medeiros (1916 – 2000), un pastor católico que ejerció, simultáneamente, el oficio de sacerdote y el carisma de profeta del pueblo de Dios en el sertão potiguar. La investigación de orden bibliográfica se detuvo en el estudio de fuentes documentales, registros biográficos y autobiográficos. Objetivó mostrar el enlace de la misión espiritual y política en la promoción de la dignidad de la persona humana. El estudio da la oportunidad de comprender como es posible disponer la vocación al servicio de los que están a la margen de la sociedad, en un continuo ejercicio de inclusión social y religiosa, sin olvidar la racionalidad eclesial que combina fe y política. La lucha contra la explotación que se realizaba a través de la industria de la sequía y la persistente búsqueda por la resolución del problema de falta de agua hizo del Monseñor Expedito una señal de esperanza y anunciador de un nuevo tiempo.

**Palabras clave:** Dignidad de la persona humana; Sacerdocio; Profetismo; Iglesia. Modelos eclesiales.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Expedito Sobral à época de sua ordenação sacerdotal	24
Imagem 2	Trajetos do “caixeiro viajante do clero” no RN	27
Imagem 3	Matriz de São Paulo Apóstolo, São Paulo do Potengi	28
Imagem 4	Matriz de São Paulo Apóstolo, São Paulo do Potengi	28
Imagem 5	Festa para o Monsenhor Expedito	31
Imagem 6	Fiel segura imagem de Monsenhor Expedito	33
Imagem 7	Ao lado de Dom Helder Camara	40
Imagem 8	Estátua, em tamanho real, colocada em frente à Matriz de São Paulo Apóstolo (São Paulo do Potengi)	49
Imagem 9	São Paulo do Potengi com Igreja ao fundo	53
Imagem 10	Calistrato Batista, animador de leilões da Igreja de São Paulo do Potengi	54
Imagem 11	Entrada da antiga Casa Paroquial, hoje Memorial Monsenhor Expedito	60
Imagem 12	Detalhe da placa de inauguração do Memorial Monsenhor Expedito	61
Imagem 13	Itinerância no sertão	67
Imagem 14	Monsenhor Expedito supervisionando o sistema de cisterna	69
Imagem 15	Irmãs enviadas a São Paulo do Potengi	70
Imagem 16	Lições de cidadania	78
Imagem 17	Festa do Agricultor	80
Imagem 18	Organização do povo	83
Imagem 19	Mapa de distribuição das adutoras no estado do Rio Grande do Norte	90
Imagem 20	Monumento à Adutora Monsenhor Expedito	91
Imagem 21	Pontos da Adutora Monsenhor Expedito	92
Imagem 22	Pontos da Adutora Monsenhor Expedito	92
Imagem 23	Comporta do amor	93

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 ITINERÁRIOS E TRAVESSIAS DO RIO DA VIDA.....</b>	<b>20</b>
<b>2 “EU NÃO SOU AQUELE QUE PENSAIS QUE SOU”: a conciliação entre sacerdote e profeta.....</b>	<b>29</b>
2.1 <i>Cenário socioeclesial.....</i>	41
<b>3 MOVIMENTOS DO PASTOR NAS TERRAS DO POTENGI.....</b>	<b>52</b>
3.1 <i>A promoção da dignidade da pessoa humana pelo zelo pastoral.</i>	62
3.1.1 <u>Secas</u> .....	66
3.1.2 <u>Assistência social</u> .....	70
3.1.3 <u>Assistência de saúde</u> .....	73
3.1.4 <u>Educação e evangelização de base</u> .....	74
3.1.5 <u>Campo: assistência rural</u> .....	76
3.1.6 <u>Voto não alienado</u> .....	77
<b>4 PROFETA DAS ÁGUAS: ramificações de fé, esperança e caridade.....</b>	<b>85</b>
4.1 <i>Quando a fé “move montanhas”.....</i>	87
4.2 <i>Quando a esperança torna-se realidade.....</i>	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>96</b>

## INTRODUÇÃO

O sertão nordestino sempre foi sinônimo de clima quente, vegetação hostil, água rara e labuta do sertanejo numa luta constante pela sobrevivência. Nele vive um povo resistente às intempéries do clima e dos tempos históricos, um povo adaptado e persistente como o xique-xique, planta xerófila e mais emblemática da região que simboliza. A seca, sua fiel e indesejável companheira, se fez presente em toda a extensão da história do lugar e foi erroneamente entendida como destino, como um fenômeno para o qual não havia solução. O caboclo sertanejo herdou dos seus antepassados o conhecimento da estiagem, a fé em Deus e o ambivalente estado de espírito, ora resignado frente ao problema secular que arrebatava, assim como as grandes pragas, a vida de muitos, ora corajoso para resistir e seguir preparando a terra.

Nessa terra, aparentemente tão pobre, surgem personagens paradigmáticos, mentes inconformadas e criativas a recitá-la e transformá-la. Na literatura pode-se ilustrar com Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Ariano Suassuna... Grandes intérpretes da vida e da cultura do nordestino que, na máxima de Euclides da Cunha é, “antes de tudo, um forte”. Mas o contexto das vocações religiosas e sacerdotais não se apresenta desprivilegiado frente aos representantes da literatura, e pessoas como Padre Cícero, Padre Ibiapina, Dom Távora, Dom Helder Camara e Dom Eugênio Sales, entre outros, também escreveram seus nomes na árida terra do sertão, munidos de esperança e aquecidos pelo Evangelho.

Neste contexto, genuinamente sertanejo, nasceu o menino Expedito Sobral de Medeiros, mais tarde conhecido como Monsenhor Expedito, “Profeta e pastor das águas” ou “Apóstolo da esperança”. Nascido em São Rafael (RN) e pároco de São Paulo do Potengi (RN), escreveu sua história apostólica e política em defesa do povo sofrido e sedento, tanto de água quanto de conforto espiritual. Ele lutou ativamente em defesa do direito mais básico do ser humano, o direito à água, no injusto contexto da “indústria da seca”. Suas

ideias, muito à frente do seu tempo, trouxeram soluções, de fato, já nos idos do século XX, para o território potiguar.

A pesquisa de caráter exploratório mostra o entrelace entre a missão espiritual e a atuação política do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros na história potiguar. Dos 84 anos vividos, pelo menos 47 foram dedicados à luta pela dignidade e elevação humana, social e espiritual do seu povo. Em sua pequena paróquia, São Paulo do Potengi, pôde materializar seus desejos de melhorias ao trazer assistência médica, parteiras, dentistas e escolas. Mas, muito além disso, tornou-se emblemática sua luta contra a seca por meio da mobilização dos governantes para fazer brotar água, não de forma mágica, mas com obstinação. Utilizando-se de métodos modernos, quase no fim de sua vida terrena, viu a tão sonhada água potável chegar às casas de todos os potengienses, por meio das adutoras.

O trabalho que se segue navega no rio da vida do Monsenhor Expedito e mostra suas raízes familiares, a infância em São Rafael, a formação para a vida ministerial, sua atuação na Igreja Católica Apostólica Romana e suas iniciativas de promoção socioassistencial, que ultrapassavam o institucional. Foi feita a opção por utilizar o rio como metáfora para falar da história de vida de Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros porque, assim como as reservas fluviais redesenham a paisagem por onde passam, ele redesenhou o destino e a vida das pessoas que dele se aproximaram. À medida que a pesquisa avançava, se percebia o quanto sua vida foi marcada pela falta de água oriunda do fenômeno climático das secas no nordeste do Brasil. Através da aproximação dos depoimentos presentes no livro *Pelos caminhos do Potengi* (1990) escrito pelo próprio Monsenhor Expedito, além de outras falas e situações publicadas em livros como *São Paulo do Potengi* (1965), escrito pelo Padre José Marins, *Monsenhor Expedito: o profeta das águas* (2000), de Aluísio Azevedo, e *Expedito Sobral de Medeiros: o apóstolo da esperança* (2000), de Alcides Queiroz e Henriqueta Baptista, foi possível dar-se conta do quanto a identificação com a falta do líquido fundamental à manutenção da vida movimentava sua incansável luta por trazer a água viva; a vida nova.

Muitos são os poetas e homens da ciência que lidam com as significações mais variadas a respeito dos rios. Entretanto, aqui se quer dar destaque a três características fluviais: vida, movimento e ramificações. Tais características possuem grande significado do ponto de vista do que se pretendeu desenvolver a respeito da travessia de vida de Expedito Sobral de Medeiros, o Monsenhor Expedito, eternizado pelo povo e chancelado pela imprensa como o “Profeta das águas”. Tal apelido se constituiu e ganhou força quando o governo do Estado do Rio Grande do Norte, na pessoa do Exmo. Sr. Garibaldi Alves Filho, tornou concreta, no dia 14 de maio de 1999, a “Adução Monsenhor Expedito”. Trata-se de um projeto de vanguarda, “considerada a maior obra do gênero, em todo o país [...] com 600 km, para atender 25 cidades e 50 comunidades rurais, que [totalizam] uma população de 150 mil habitantes” (AZEVEDO, 2000, p. 63).

Quanto às três características fluviais supracitadas, destaca-se:

**VIDA** – Rios são organismos vivos que injetam fluxo de vida em homens, animais, plantas e outros seres que os margeiam. Por entre seus recantos, brotam flores, nascem frutos. Falar da trajetória de vida do Monsenhor Expedito é prolongar sua presença viva na memória de todos que o conheceram e beberam de suas águas de sabedoria e obstinação em algum momento de suas existências. Para as gerações posteriores à sua morte, representa a possibilidade de irrigar ideias e atitudes voltadas para uma ética do humano e fazer brotar um espírito de ação capaz de transformar realidades tão vivamente presentes nos propósitos do Monsenhor.

**MOVIMENTO** – A palavra movimento é sinalizada porque Monsenhor Expedito parecia confrontar-se, o tempo inteiro, com uma constrangedora aridez que persistia em instalar-se. A aridez a que se faz referência não é apenas a das terras do sertão potiguar, mas, sobretudo a aridez nos corações de pessoas marcadas pela imobilidade em relação à fé cristã, bem como à paralisação de certos setores da Igreja, em determinadas circunstâncias históricas, em relação ao povo que vivia na verdadeira miséria material. Monsenhor Expedito era movido pela ação no sentido de não contentar-se com o que parecia intransponível. Agia e resolvia situações urgentes e essenciais.

Assim como um rio, se opunha à tentação da paralisação e movimentava-se entre as mais diversas instituições na busca incansável de alcançar a abundância e a prosperidade do mar.

RAMIFICAÇÕES – A referência à palavra ramificação quer trazer para a representação a grande desordem presente no nascer e crescer de um rio. São muitos os pequenos riachos que desembocam na corrente do rio maior. Surgem de diversos lados, em intensidades variadas. Assim também são muitas as pessoas, situações e afetos que constroem e fortificam a correnteza incerta da vida de um sujeito que foi capaz de mudar vidas por meio de atitudes espirituais e também concretas, possibilitando a ação conjunta de tantas pessoas. Relata o próprio Monsenhor Expedito (1990, p. 48): “nestes 50 anos de ministério, nunca trabalhei sozinho”. Era um homem da ramificação por ser capaz de demonstrar múltiplas facetas e variados paradoxos de um sujeito da santidade e da humanidade, do heroísmo e da fragilidade, da instituição e do povo. Ao passo que exercia sua vocação junto à Igreja, misturava-se aos mais necessitados para compartilhar de suas dores e traçar estratégias de superação, independentes da instituição. Monsenhor Expedito era como um rio que transbordava convicção, fé e obstinação e as compartilhava com seus afluentes que vinham de diversas partes.

Neste trabalho, mobilizado pela correnteza do afeto, o autor chama este homem de rio, não apenas por seus feitos revolucionários de envolvimento nas questões ligadas ao combate às secas que assolam, desde tempos remotos, o sertão norterio-grandense e nordestino, entre elas o projeto de cisternas, adutoras e transposição de águas do Rio São Francisco. O autor permitiu-se chamar e até mesmo comparar o Monsenhor Expedito a um grande rio, sobretudo no sentido de que fala o biólogo e poeta moçambicano Mia Couto, ao parafrasear e homenagear o missionário e antropólogo suíço Henri Junod, responsável por um tipo de missão no continente africano que, ao invés de incentivar, colocava obstáculos a toda e qualquer forma de escravidão. Escreve Junod *apud* Couto (2009, p. 143): “Eu sou como um rio, um grande rio e contam-se às centenas de milhares aqueles que bebem das minhas águas e dos meus afluentes. Contudo, nas margens deste rio está presente a obscuridade pagã. Este povo sofre e não tem esperança”.

Biógrafos, conhecedores e paroquianos guiados pelo Monsenhor Expedito sempre o descrevem como alguém que cuidava da obra de Deus, encarnando o Evangelho. Segundo relata José Marins<sup>1</sup> (1965), através das próprias palavras de Monsenhor Expedito, “tenho insistido na ideia de um cristianismo engajado na vida” (p. 32). À sua época, ele já percebia que era preciso envolver-se nas causas e impregnar-se das significações e determinismos que as orbitavam sem perder de vista os principais propósitos.

Devotou sua vida e suas ideias à construção do alicerce de vida do outro. Isso fazia a partir das formações, recebidas desde a base, que tinham o duplo papel de educar para a dignidade e evangelizar para a vida. Contribuir para retirar os indivíduos das alienações a que estavam submetidos em relação aos seus direitos de votantes, consumidores, trabalhadores e cidadãos era tarefa que demandava a constituição de uma verdadeira rede socioassistencial, educacional e de saúde, capaz de prover partos, vacinas e remédios fundamentais, além de atuar na preparação para o mercado de trabalho e na conscientização quanto aos desmandos do poder.

Sujeito ativo, produtor de si e mobilizador de muitos (CASTAÑEDA e MORALES, 2011). Uma história de vida impulsionadora da construção de outras histórias. A alusão feita aos três pontos antes assinalados (vida, ramificações e movimento), objetiva não cair nos reducionismos a que estão condicionados grande parte dos relatos biográficos ou autobiográficos existentes na atualidade.

Neste trabalho se prefere pensar o tempo de vida na perspectiva proposta por Marcelo Gleiser (2010, p. 32), que o descreve como “uma medida de transformação fundamental na história do universo, da mesma forma que é fundamental nas nossas vidas”. Pensando como o citado autor, foi feita a opção metodológica de se representar o tempo de forma irregular e até recursiva, por isso, não se teve o propósito único de escrever um texto biográfico em relação à vida do Monsenhor Expedito. Muitos já assumiram para

---

<sup>1</sup> O livro escrito pelo Padre Marins foi o primeiro volume de uma coleção editada pela Vozes sobre renovação paroquial. Ele conta a experiência da Paróquia de São Paulo do Potengi-RN, sob o pastoreio do então Padre Expedito Sobral de Medeiros.

si esta tarefa, seja de maneira oficial, como no caso do livro *Monsenhor Expedito: o profeta das águas* (2000), escrito por Aluísio Azevedo, do livro *Pelos caminhos do Potengi* (1990), escrito pelo próprio Monsenhor, ou por meio de panfletos, cordéis, folhetos, comunicações oficiais, registros de sermões e história oral compartilhada entre os potengienses e demais norterio-grandenses que, de alguma maneira, foram atingidos pela missão do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros.

No desejo de revelar a trajetória do rio da vida de Monsenhor Expedito, buscou-se dar enfoque a algumas características que chamaram a atenção do ponto de vista biográfico, histórico, sociológico e religioso. Acredita-se que esse tipo de estudo fomenta a produção do conhecimento em Ciências da Religião, uma vez que, este campo de saber ocupa-se do fenômeno religioso, o que requer contribuições oriundas de várias ciências como a Teologia, a Sociologia, a Antropologia e a História. O autor entende que a vida do Monsenhor Expedito ramifica-se por vários desses territórios. Os estudos biográficos ultrapassam o terreno da história e vão além do mero relato de acontecimentos sucessivos. Aportar a vida de um sujeito que transita por vários domínios; um homem que, mesmo sendo Padre, possui múltiplos pertencimentos, é fazer emergir um líder religioso que ultrapassa os limites da Igreja e lança-se num horizonte de expectativas na luta pela dignidade da pessoa humana no cotidiano. Para defender o povo que sofre as consequências das secas, o Monsenhor Expedito Sobral atua no interior da vida da Igreja, enfrenta problemáticas sociais sem desprezar a preocupação com a espiritualidade.

Para fazê-lo, optou-se por dividir o trabalho em quatro capítulos. No primeiro, cujo título é “Itinerários e travessias do rio da vida”, recorreu-se à ideia de trajetória sugerida por Castañeda e Morales (2011) em seus estudos sobre biografias e práticas de sujeitos que, de forma recursiva, definem suas histórias ao passo que redefinem a história, dita oficial, de seus lugares. Tomando por base alguns escritos do próprio Monsenhor Expedito, recuperou-se parte de sua história, desde o nascimento até sua entrada no seminário, fazendo alusão às suas motivações primeiras, sua formação e valores fundamentais.

No segundo capítulo, intitulado “Eu não sou aquele que pensais que sou: a conciliação entre sacerdote e profeta”, com base em alguns estudos de Max Weber a respeito do fenômeno religioso, em especial o clássico *Economia e Sociedade*, volumes 1 e 2 (1991; 1999), foi problematizado o “tipo ideal” de dominação chamado carismático, para relevar aspectos da vida de Monsenhor Expedito que o aproximam das figuras do sacerdote e do profeta, do ponto de vista weberiano.

Em seu modo de apresentar os perfis carismáticos, Weber diz que, embora possuam certos pontos fundamentais em comum, uma figura exclui a outra, não podendo, assim, um mesmo líder carismático ser, de forma harmônica e ao mesmo tempo, sacerdote e profeta. Representando uma espécie de contrafluxo em relação à questão da “opção” defendida por Weber em sua obra, percebeu-se que o Monsenhor Expedito conciliava, em sua missão, as duas formas de atuar: ao passo que seguia com ética e clareza as necessárias atribuições clericais inerentes ao sacerdócio, profeticamente propunha outras formas de ação social que aproximavam as coisas do sagrado à vida cotidiana, em uma época em que a Igreja ainda traçava bases para tal missão.

No terceiro capítulo, cujo título é “Movimentos do pastor nas terras do Potengi”, foi focada a atenção nas descrições tópicas a respeito do momento histórico em que o Monsenhor Expedito Sobral iniciou seu pastoreio e executou suas primeiras ações inovadoras, visando a promoção da dignidade da pessoa humana. Entre as décadas de 40 a 70, do século XX, a Igreja de Roma viveu um período de referencial importância em sua trajetória histórica. João Batista Libânio, por meio do livro *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade* (2002) serve de guia teórico para uma análise daquele período, no qual, em nível mundial, foi anunciado, pelo Papa João XXIII, o Concílio Vaticano II que, em linhas gerais, objetivava a modernização do papel e da ação da Igreja na sociedade, além da defesa da fé cristã, do incentivo ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso, aos trabalhos de caridade e à defesa dos direitos humanos.

Na América Latina aconteceram as emblemáticas conferências de Medellín, na Colômbia, em 1968, e de Puebla, no México, em 1979. No caso específico do Brasil, foi fundada, em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que passou a ser o principal referencial do fazer católico neste país. Em nível local, no estado do Rio Grande do Norte surgiu e fortificou-se o “Movimento de Natal” que buscava “educar para mudar” (LIBÂNIO, 2002, p. 124), por meio da realização de ações de evangelização e educação de base emancipatórias.

Por fim, no quarto capítulo, intitulado “Profeta das águas: ramificações de fé, esperança e caridade”, foi realizada uma incursão nas ações práticas de promoção da dignidade da pessoa humana, empreendidas por Monsenhor Expedito em São Paulo do Potengi, e sua repercussão e reconhecimento nos níveis estadual, nacional e internacional.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa teve bases documental e bibliográfica. O recurso aos depoimentos orais também foi utilizado, embora não apareçam diretamente as falas das pessoas entrevistadas.

## 1 ITINERÁRIOS E TRAVESSIAS DO RIO DA VIDA

Este capítulo inicial não se pretende biográfico ou histórico, ainda que esteja marcado pela história e muitos de seus fatos tenham interferência direta no curso da história dita oficial. Seria demasiado redutor e retentor de possibilidades, eleger apenas um ou outro vértice: biografia ou história. Sendo assim, foi feita a opção por buscar narrar e analisar aspectos do homem que revela, constrói e faz a história, ao passo que se constrói, social e profeticamente, no imaginário das pessoas, a partir de múltiplas histórias acerca de seus feitos.

Por isso, parece fazer mais sentido batizar estas notas de “travessia do rio da vida”, pois, assim, se está remetendo a uma história de vida que mobiliza muitas vidas. Relata-se uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente em um espaço que, por si só, já comporta movimentos incertos submetidos a incessantes transformações. História de vida que interfere no curso da história, como rio que ganha força de correnteza e redesenha a paisagem, como se lembrasse de que sempre há uma possibilidade, ainda que incerta, de se fazer foz. Justifica-se, então, mais uma vez, a escolha através das palavras de Mia Couto quando diz que “há um rio que nasce dentro de nós, corre por dentro da casa e deságua não no mar, mas na terra. Esse rio uns chamam de vida” (COUTO, 2003, p. 258).

O homem de quem se está falando teve uma vida que parecia seguir, quase sempre, a máxima escrita por Edgar Morin, em seu *Amor, poesia sabedoria* (2005), quando defende que, se não há bastante poesia na vida, dela sobra muito pouco. Talvez Expedito Sobral de Medeiros tenha sido um exímio poeta na prosa da vida dele próprio e dos que o cercaram. É importante ressaltar, aqui, a que tipo de poesia estamos nos reportando. Não é puramente à vertente literária presente nas poesias e poemas, mas, sim, aos sentidos poéticos (que também são culturais, sociais e políticos) que podem ser atribuídos às situações cotidianas.

Reconhecemos a poesia não apenas como um modo de expressão literária, mas como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação, participação e, obviamente, do amor, que contém em si todas as expressões desse estado segundo (MORIN, 2005, p. 09).

No mesmo livro, Morin sugere que a política e as ações das lideranças devem ajudar as pessoas a gozarem das poesias da vida. Assim fazia o Monsenhor Expedito. Quando a prosa parecia se estabelecer, sua fé e suas ações traziam a poesia e tonalizavam diferentemente a situação.

Expedito Sobral de Medeiros nasceu a 13 de dezembro de 1916, no município de São Rafael<sup>2</sup>, estado do Rio Grande do Norte. O filho de João Batista de Medeiros, vulgo Joca Medeiros, e Umbelina Sobral de Medeiros cresceu entre brincadeiras simples, curiosidade aflorada e inclinação para a religiosidade. “Ele ia para a Igreja para assistir às missas, mesmo que o tempo fosse de chuva. Além das missas, ele gostava de rezar o terço, procurando imitar os padres ao usar um lençol sobre os ombros, para ficar parecido a um sacerdote”. (AZEVEDO, 2000, p. 17). Em relatos de sua vida e experiência pastoral, partilhados ao Padre José Marins e registrados no livro *São Paulo do Potengi* (1965, p. 15), confessa que “desde pequeno eu era apaixonado por essa coisa de Igreja. Ainda menino fui do Apostolado da Oração”.

Segundo relata Azevedo (2000, p. 15), o menino Expedito foi batizado no dia “18 de janeiro de 1917, na Fazenda Serra Branca, oficiado pelo vigário de Santana do Matos, Padre João Soares Bilro, sendo seus padrinhos: Dr. Ernesto Emílio da Fonseca e Dona Francisca Medeiros da Fonseca, sua tia”. E segue na descrição de seu segundo sacramento da Igreja Católica Apostólica Romana. “O sacramento da crisma foi ministrado por Dom Antonio dos Santos Cabral, 2º Bispo de Natal” (AZEVEDO, 2000, p. 15).

---

<sup>2</sup> Na época ainda distrito pertencente a Santana de Matos, tornou-se município em 23 de dezembro de 1948.

Enquanto encenava a celebração de missas para fiéis imaginários e inclinava-se a rezar o terço com muita destreza, embora não seguisse a sequencia comum, os seus pais, sempre atentos, observavam-no ao longe.

Tinha 10 anos, sem saber o que era ser padre, mas tinha inclinação para as coisas da Igreja. Meus pais me observavam secretamente, quando morávamos em Lajes do Cabugi e comunicaram a meus padrinhos, Ernesto e Francisquinha Fonseca em Natal (MEDEIROS, 1990, p. 49).

O que era brincadeira de criança, em muito poucos dias começaria a tornar-se coisa séria e concreta. Quando tinha 12 anos incompletos, seus pais receberam uma comunicação da madrinha de Expedito que, morando em Natal, e na condição de católica fervorosa, pediu orientações ao então reitor do Seminário São Pedro, o Padre João da Mata Paiva. Entre lágrimas contidas e “olhar pidão” de sua mãe, deixou para trás o lugar de sua primeira infância e seguiu para o ambiente onde começaria a viver sua vocação.

No fim de maio daquele ano, partimos para pegar o trem em Lages. Viajei 90 km com meu pai, na garupa do cavalo, pernoitando no ‘Juazeiro’, de Eduardo Gurgel. Chegando a Natal, minha madrinha tratou logo de comprar o enxoval na loja de Graciliano Melo, especialista no ramo (MEDEIROS, 1990, p. 49).

Depois disso, no dia 04 de julho de 1928, entrava o menino Expedito Sobral no Seminário São Pedro para iniciar sua longa formação religiosa, cuja duração totalizou onze anos. Começou em Natal, no ano supracitado, onde ficou até 1934, quando foi transferido para o Seminário Maior, na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Regressou a Natal em 1937, onde permaneceu até a conclusão de seus estudos, no ano de 1939.

Embora a vocação “exija uma renúncia total”, conforme seu próprio relato, é importante que se reconheça em todo o processo a sensibilidade e a fé das principais bases de sustentação: a família e a comunidade. Que a primeira esteja “atenta ao sopro do Espírito Santo”, e a segunda sinta “a

necessidade do ministério sacerdotal”. (MEDEIROS, 1990, p. 49). Ele diz que de lá, do sertão, sua mãe o sustentava através de fervorosas orações.

O Monsenhor Expedito sempre foi defensor e impulsionador das vocações sacerdotais: em todos os lugares por onde passava e em todas as declarações que fazia, sempre se orgulhou de ter enviado trinta e dois candidatos ao seminário. Em suas recordações se referia ao Seminário São Pedro com afeto e saudades de um bom período de uma formação teórica e prática, e de aprazíveis momentos de integração com os companheiros.

Nos dias comuns, havia a leitura do ‘Martirólogo Romano’, seguido de algum livro de Monteiro Lobato, ou qualquer assunto ameno. [...] Nossos recreios eram ótimos, à sombra de muitas fruteiras. Havia pequeno campo de futebol. Só era permitido jogar de batina! Aliás, nem nas férias, em casa no sítio distante, se devia deixar de usá-la (AZEVEDO, 2000, p. 20).

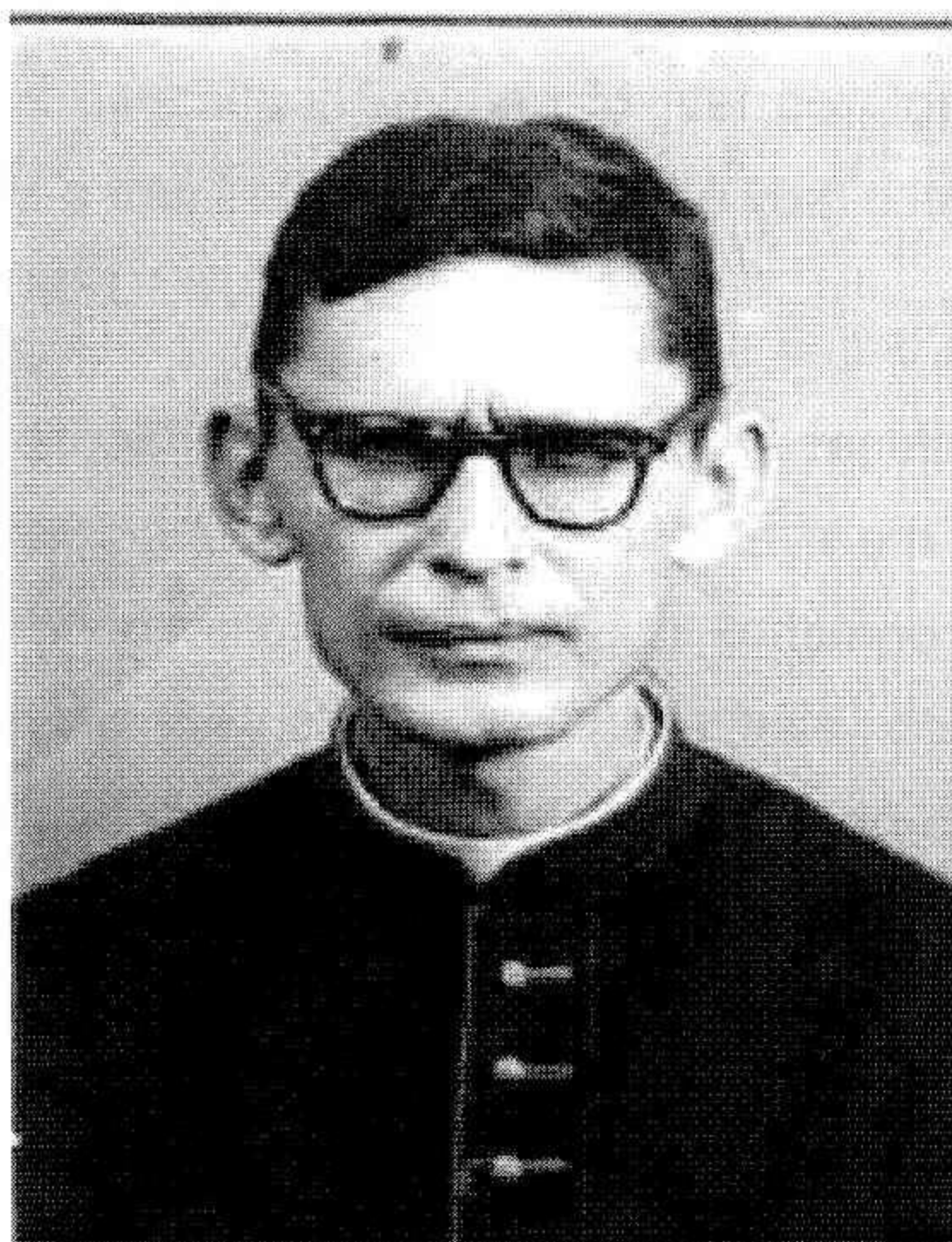
No dia 19 de novembro de 1939, na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, em Natal, ordenou-se o Padre Expedito Sobral. O celebrante da ordenação foi então bispo de Natal, Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas. O próprio Monsenhor Expedito descreveu o cenário sociocultural de Natal, à época de sua ordenação realizada junto com a do seu primo, Alair Vilar Fernandes de Melo que, mais tarde, viria a tornar-se o terceiro arcebispo metropolitano da capital potiguar, entre 1988 e 1993.

Natal era uma cidade de uns 40.000 habitantes, ainda respirando clima de cristandade, suficiente para chamar a atenção de uma ordenação. A Igreja estava repleta de familiares e autoridades civis, militares e eclesiásticas, como era moda de se dizer na época. A imprensa, 03 jornais, vinha noticiando o acontecimento, com antecedência, dada a importância que a sociedade lhe emprestava (MEDEIROS, 1990, p. 04).

No dia seguinte celebrou sua primeira missa, com toda pompa, na Capela do Colégio Marista de Natal. A celebração “foi abrilhantada pelo Orfeão do Colégio Marista, regido pelo maestro Waldemar de Almeida e o sermão

gratulatório foi proferido pelo grande orador sacro, Cônego Luis Wanderley”, conforme descrição de Aluísio Azevedo (2000, p. 26).

Imagem 1  
Expedito Medeiros na época de sua ordenação sacerdotal



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Daí por diante não parou mais. A Matriz de Ceará Mirim, cidade na qual seus pais e outros parentes haviam fixado residência, foi cenário da segunda missa. Não se passaram muitos dias até o início de sua caminhada pelas paróquias do estado. O Padre Expedito Sobral iniciava, então, a atividade que ele próprio batizou como sendo a de “caixeiro viajante do clero”. Essa expressão foi firmada no “Livro de Tombo da Paróquia”, que contém descrições reveladoras das relações de ética e respeito entre os padres e o bispo da diocese no que concerne aos acontecimentos importantes ou extraordinários.

Tudo começou com a recém-criada Diocese de Caicó, para onde ele foi enviado na condição de capelão do Colégio Santa Terezinha. Quanto àquela que foi a primeira parada do caixeiro, havia ficado acordado que o período seria breve – apenas um mês –, uma vez que ele ia somar na fixação da nova diocese, presidida, naquele momento, pelo então Cônego Walfredo Gurgel. Em

1940, regressou de Caicó e foi nomeado vigário das Paróquias de Taipu e Touros. O clima era de constante missão, pois o jovem vigário percorria os cinquenta e quatro quilômetros de distância entre os dois rebanhos a cavalo, ou de carona em algum automóvel precário. Como não podia ser diferente, o Padre Expedito arregaçou as mangas e, com todo o fervor de sacerdote recém-ordenado, registrou que “em três dias de missão regularizei trinta e três casamentos e fiz muitos batizados. Em São Miguel do Gostoso, debaixo de uma latada, fiz cinquenta e três batizados de uma só vez, começando das duas da tarde até as quatro” (MEDEIROS, 1990, p. 08).

Monsenhor Expedito, em seu livro de memórias, repetidas vezes recorre à expressão “bem querer” para mostrar como se sentia em relação aos seus paroquianos, mesmo sendo ainda tão reduzido o tempo de exercício do sacerdócio, naquele início de sua caminhada. Isso demonstra o quão integrativo era o novo padre que, como falado no início deste capítulo, se deixava impregnar pelas peculiaridades, dificuldades e potencialidades de cada lugar que passava. Ia deixando a marca de sua presença, mesmo que fosse mínimo o tempo de permanência.

Passados sete meses à frente das Paróquias de Taipu e Touros, chegou a vez de a microrregião do Seridó ter de volta o Padre Expedito, na cidade de Jardim do Seridó, vizinha a Caicó e distante 224 quilômetros de Natal. Mais uma vez foi enviado àquela nova diocese com a certificação de que seria por pouco tempo.

Em 1941, com a eleição de Monsenhor José de Medeiros Delgado, vigário de Campina Grande, para Bispo de Caicó, recebi o ultimatum: “venha depois da Páscoa”. Tinha passado apenas 9 meses, mas o suficiente para amar aquela porção do povo de Deus. (MEDEIROS, 1990, p. 08).

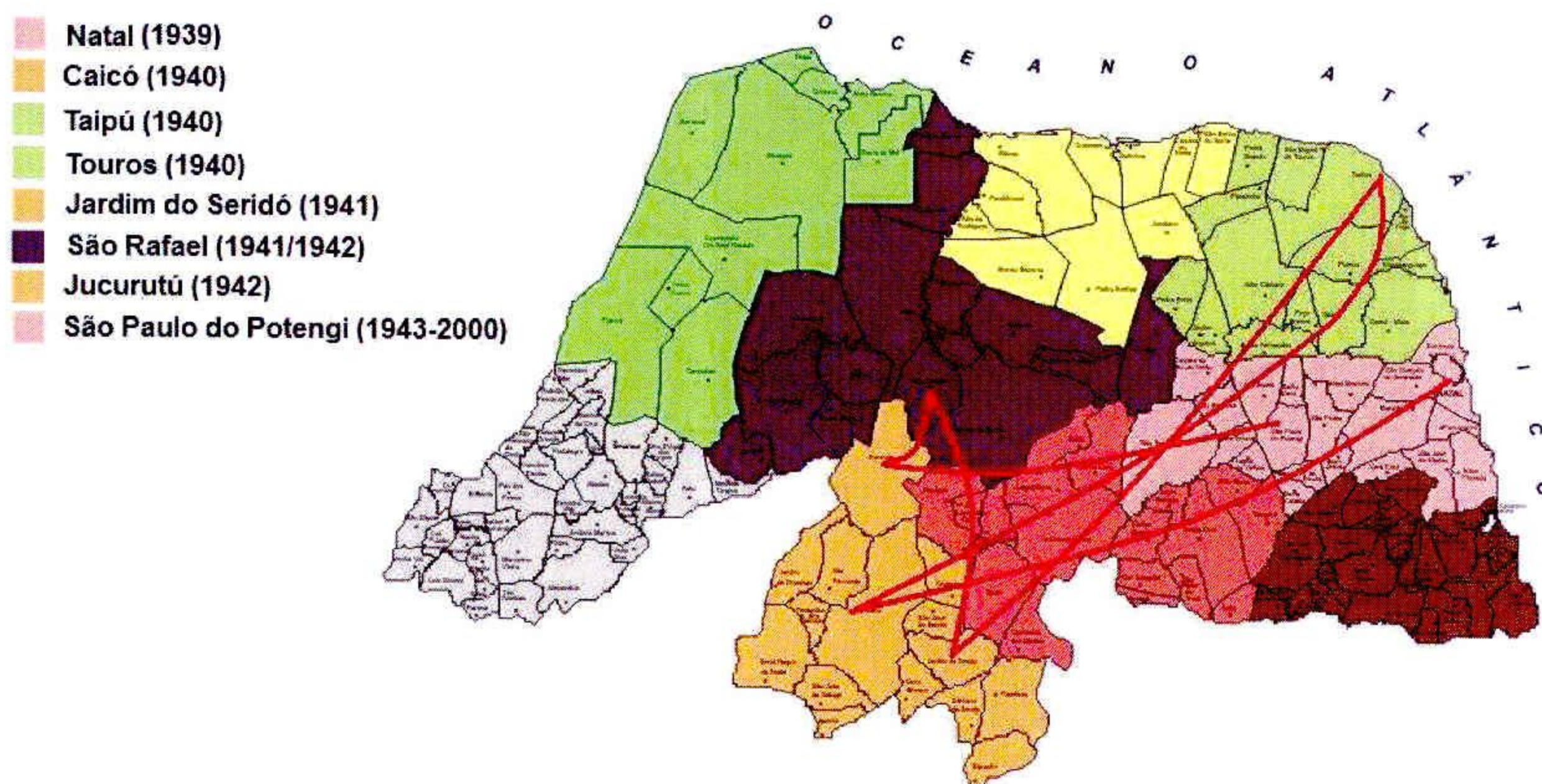
Pela voz de Dom Marcolino foi anunciada a volta do Padre Expedito a sua terra natal, agora na condição de pároco, o primeiro residente na cidade, revivendo o que diz o Evangelho de Lucas (15, 11-32), “o bom filho à casa torna”. Permaneceu por pouco mais de dois anos à frente da Igreja de Nossa Senhora da Conceição que, nos dias atuais, encontra-se submersa nas águas

da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Sobre o regresso a São Rafael, Monsenhor Expedito (1990, p. 10) relata: “Tomei posse da Paróquia no domingo, na missa das 9 horas. A Matriz [...] estava lotada de fiéis. Todo mundo queria ver o filho padre de Seu Joca, da Serra Branca, num misto de religiosidade e curiosidade”. Em 1942, recebeu a incumbência de cuidar do rebanho da paróquia de Jucurutu, na qual se fazia presente uma semana por mês.

Chama-se a atenção para a figura do senhor Joca Medeiros, pai do Padre Expedito que, além de acompanhar o filho no seu retorno à terra natal, ainda cuidou de resolver todas as desavenças pessoais do passado naquela cidade, para “não deixar dificuldades ao exercício do meu ministério de reconciliação” (MEDEIROS, 1990, p. 10). Em São Rafael, além das atividades celebrativas e religiosas, idealizou a “Pastoral do tijolo: construir”, através da qual mobilizou a população para a construção da casa paroquial, até então inexistente no município.

No âmbito da administração pública estadual, o ano de 1943, no Rio Grande do Norte, ficou marcado, entre outras situações, pela criação de um novo município que surgiu do desmembramento de terras antes pertencentes a São Gonçalo do Amarante e Macaíba. O lugar passaria a se chamar São Paulo do Potengi. A Arquidiocese de Natal, sempre atenta às mudanças e reordenamentos, decidiu criar, junto com o município, a paróquia. Em outubro daquele ano, o arcebispo, Dom Marcolino, solicitou a presença do Padre Expedito na capital. “A gente já ia com o coração na mão”, diz na página 14 de seu livro de memórias. E continua, “ele tinha se lembrado de mim, por ficar mais perto de minha família... Aceitei, dizendo que via nisso a confirmação da minha vocação de padre rural e vigário da roça, o que muito me honra” (MEDEIROS, 1990, p. 14).

Imagem 2  
Trajeto do “caixeiro viajante do clero” no Rio Grande do Norte

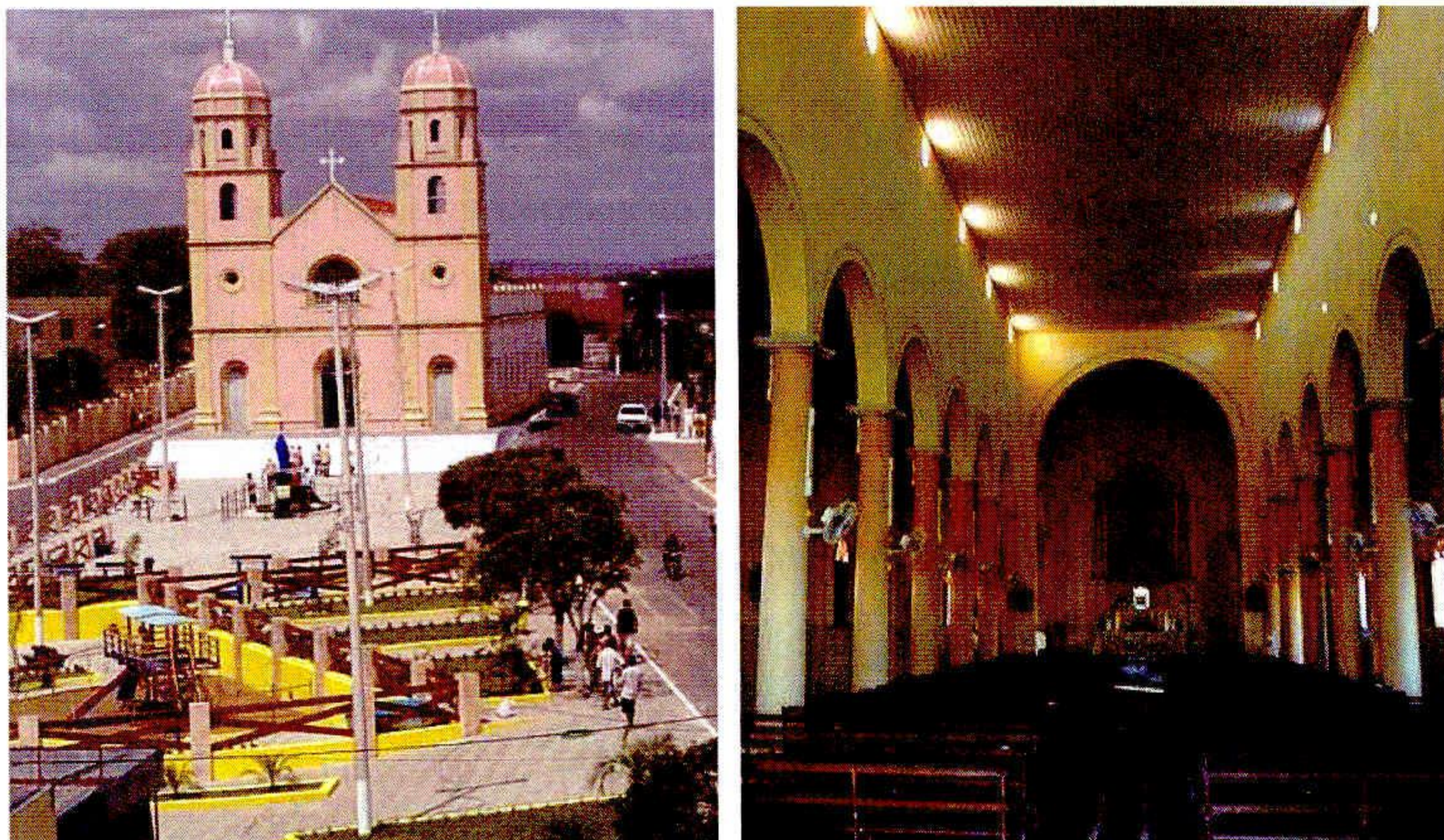


Fonte: Arquivo pessoal do autor

Com a cidade recém-criada, nasceu a Paróquia de São Paulo do Potengi. Para atender ao volume e devoção do povo do lugar, a primeira atividade a que se dedicou o Padre Expedito foi à construção da nova Igreja. Sobre o projeto e construção, ele mesmo descreve: “A planta é de Monsenhor Pedro Rebouças Moura, mas corrigida e aumentada por Gentil Ferreira de Souza e alinhada pelo topógrafo João Santana [...] A primeira pedra foi colocada por mestre Antônio Lopes” (MEDEIROS, 1990, p. 20).

Entre o projeto e a concretização final, a construção levou vinte e oito anos e toda a comunidade se mobilizou para angariar recursos e trabalhar, em regime de mutirão, para que fosse levantado o seu templo.

Imagens 3 e 4:  
Matriz de São Paulo Apóstolo, em São Paulo do Potengi



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Naquela pequena cidade, situada a setenta e um quilômetros da capital potiguar, o pároco se estabeleceu e permaneceu até sua passagem para a outra margem do rio, a vida eterna. Com base na forma de dizer utilizada por Mia Couto, pode-se afirmar que a história de Monsenhor Expedito, que apenas se iniciou naquela etapa, é como um rio “feito só de curva e remanso. Deus está na margem, vigiando de sua janela” (2003, p. 259). Muitas foram as realizações, grandes foram os desafios. Todos eles formaram o sacerdote que não morava o tempo inteiro na casa da instituição. Era um pastor que seguia regras, mas também se antecipava a algumas delas, pois percebia que cada ovelha é um mundo com algumas características universais, embora sempre marcada por singularidades inesperadas.

## 2 “EU NÃO SOU AQUELE QUE PENSAIS QUE SOU”: a conciliação entre sacerdote e profeta

São evocadas as palavras de São João Batista, presentes em Atos dos Apóstolos, para se fazer referências ao Monsenhor Expedito como homem que exercia sua missão e punha em prática seus ideais, sabendo e divulgando, para os demais, que não os fazia em favor próprio. Ao contrário, sua missão transcendia qualquer busca de um protagonismo humano exibicionista ou ações motivadas por arrogâncias pessoais. Punha em prática os imperativos evangélicos, dos quais a figura de Jesus Cristo é o único guia para se chegar ao Pai, e buscava também estabelecer pontes entre os homens. “Não sou aquele que vocês pensam que eu seja! Vejam: depois de mim é que vem aquele do qual não mereço nem sequer desamarrar as sandálias” (At 13, 25).

Segundo descreve a Bíblia Sagrada, São João Batista é aquele que veio primeiro para preparar a vinda do verbo encarnado no meio dos homens. Um profeta que sabia a grandiosidade e transcendência de sua missão, mas deixava claro, sob a luz da honestidade, da transparência e, sobretudo, de uma “ética da responsabilidade”, que o verdadeiro rei e salvador era Jesus Cristo, que ainda estava por vir.

Segundo Max Weber em sua conferência *Ciência e política: duas vocações* (1999), a ética de responsabilidade, ao contrário da ética da convicção, tem caráter teológico e orienta sua ação a partir da análise das consequências dela resultantes. Em linhas gerais, leva em conta o bem que pode ser proporcionado a um número maior de pessoas. Toda e qualquer ação pautada nessa ética da responsabilidade tem como ideal os fins de salvação de muitos, como justificativa, para que se tomem as medidas necessárias à sua realização a partir de um constante exercício de altruísmo e descentramento.

Monsenhor Expedito, entre as peculiaridades que o tornaram popular, possuía a humildade e a capacidade de nunca buscar ser o centro das atenções. Agia como se estivesse a preparar o rebanho para aquele que estava por vir, ou seja, o próprio Cristo. Segundo os que lhe eram próximos, e

a partir do testemunho de um dos seus biógrafos, Aluísio Azevedo, não era afeito a homenagens e evitava atos que pudessem ter a conotação de uma autoprocamação pública. Ao contrário, preferia o anonimato e a ação.

Em dezembro de 1958, ocorreu o primeiro fato, por ocasião da comemoração dos seus 15 anos de pároco, em São Paulo do Potengi, quando a comunidade resolveu homenageá-lo com um café e a entrega de um presente (uma geladeira movida a querosene). Ao perceber os preparativos da homenagem tentou não aceitá-la... (AZEVEDO, 2000, p. 08).

Também é ilustrativo do que sobre ele está sendo afirmado, outro fato que, embora retrate situação diferente, é revelador dos mesmos aspectos do seu modo de ser:

Em princípio do mês de maio de 1960, registra-se um segundo acontecimento, por motivo de sua viagem à Europa, onde se demorou cerca de dois meses. Seus paroquianos, que já se preocupavam com uma ausência tão prolongada, ao tomarem conhecimento de seu regresso, resolveram homenageá-lo com uma calorosa recepção, fato que, mais uma vez, gerou uma formal desaprovação de sua pessoa, inclusive, ameaçando não comparecer. [...] A noite, no Centro Social, foi servido um jantar de confraternização, durante o qual o seu retrato foi inaugurado naquele recinto. Para espanto geral, ele, pessoalmente, retirava sua foto, no dia seguinte, como uma prova cabal de sua total desaprovação a esse tipo de honraria, que não desejava receber, em vida (AZEVEDO, 2000, p. 08-09).

A realização de atos como os expressos acima, ao invés de retirarem a visibilidade da figura do Monsenhor Expedito, acabavam indo, sempre, no contrafluxo do que era por ele almejado, uma vez que contribuíam para que o seu carisma aumentasse. Para falar de carisma, é importante que se retorne à aceção elaborada por Max Weber, sobretudo em seu livro – que se tornou um clássico da Sociologia – intitulado *Economia e sociedade*, escrito entre os anos de 1913 e 1920, porém, publicado postumamente por Marianne Weber, viúva do autor.

Imagem 5  
Festa para o Monsenhor Expedito



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Nas descrições de Max Weber (1999) carisma constitui-se como a capacidade de persuasão, condução e convencimento que demanda a existência de alguém extremamente capaz de executá-lo. É algo que não se transfere como informação, constrói-se em movimentos processuais e discursivos que demandam a chancela, não somente de instituições, mas, sobretudo, do povo afetado pelas benesses do líder que se vai construindo. O líder carismático forma-se ao longo da vida e vai-se legitimando conforme a população torna-se sua seguidora por meio da correção de atitudes baseadas no seu líder modelo. Múltiplos e, até mesmo, inapreensíveis, são os desdobramentos que os séquitos podem dar ao seu líder carismático. Suas atitudes, tanto podem ser, de uma hora para outra, descartadas em nome de outro líder carismaticamente qualificado, como podem chegar ao ápice do culto e adoração da pessoa, tendo em vista que se trata de alguém portador das características-modelo almejadas pelos demais, além de ser a possibilidade de ponte para o sublime, o sagrado.

Em *Economia e sociedade*, Weber tem como uma de suas preocupações centrais traçar as bases para a compreensão da “autonomia dos indivíduos”; recuperando um questionamento iniciado por Marx, se indaga, qual é a relação da economia com as outras formas de vida em sociedade? Como a economia se relaciona com a religião, a arte, a ciência e o direito, entre outros? Avançando no questionamento: qual o grau de autonomia que o indivíduo tem ao cumprir certa ordem ou determinação social? Ao longo da obra vai problematizando as questões utilizando o recurso de descrição de tipos de dominação que orbitaram e ainda orbitam a vida em sociedade: dominação tradicional, dominação carismática e dominação racional (WEBER, 2004).

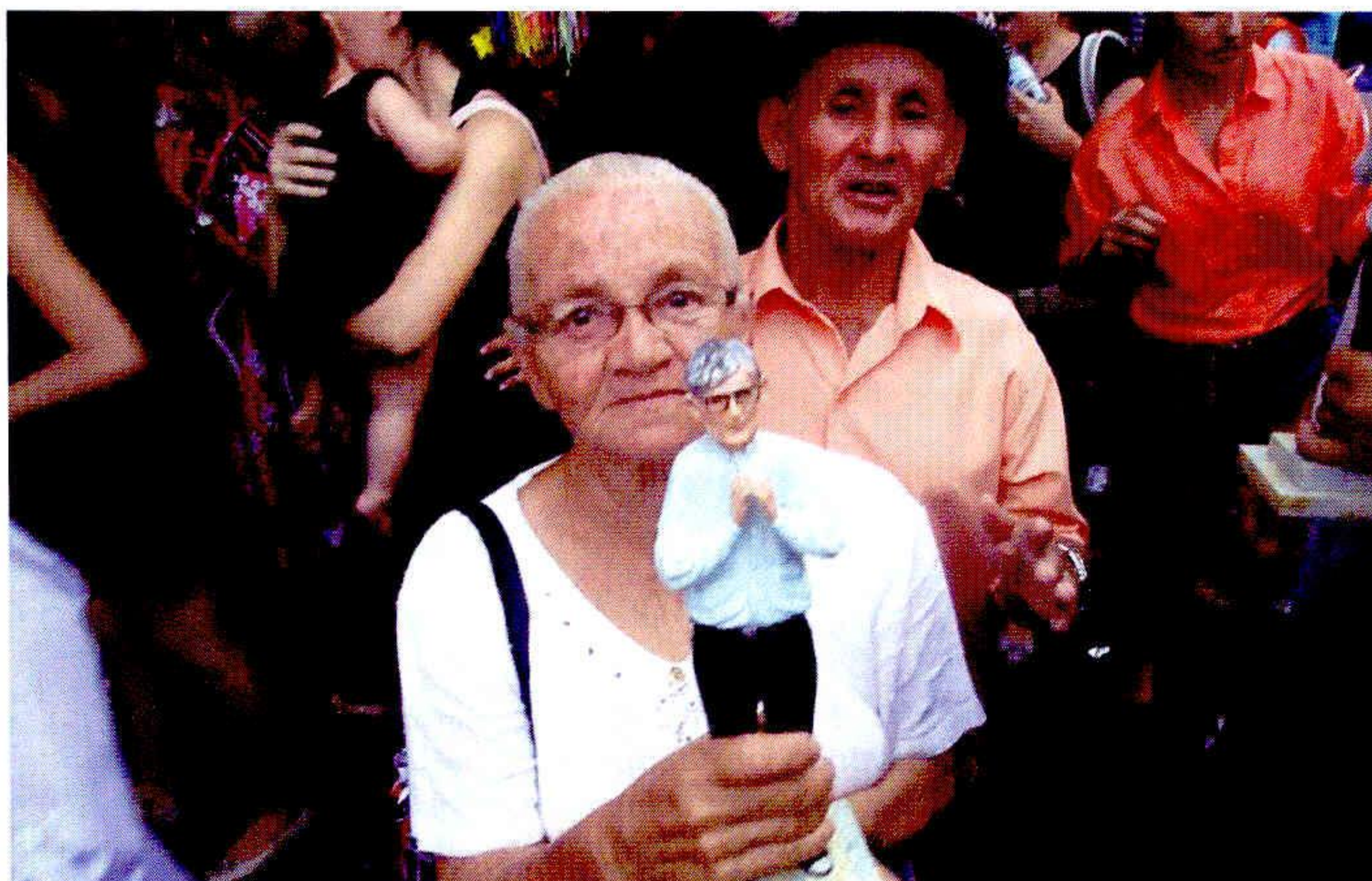
Chamamos dominação a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupo de pessoas. Não significa, portanto, toda espécie de possibilidade de exercer “poder” ou “influência” sobre outras pessoas (WEBER, 1991, p. 139).

Em linhas absolutamente gerais, a “dominação tradicional” é aquela que se pauta na obediência baseada na repetição que tem a ver com normas e valores estabelecidos há muito tempo, como o patriarcalismo. A “dominação racional”, também conhecida por “dominação legal”, é a que, segundo Weber, caracteriza o Estado moderno e o sistema capitalista. A racionalidade trata de movimentos e operações mentais que o indivíduo realiza para atingir determinada posição; a escolha de determinados meios para atingir um determinado fim. Por fim, a “dominação carismática” que, caracterizada pela persuasão, é a capacidade de o líder convencer os seguidores a se comportarem da forma como ele deseja, rumo ao lugar ou tipo de sociedade por ele almejado. É um tipo de dominação de difícil execução visto que demanda a existência de alguém extremamente vocacionado para realizar esse feito.

Para o caso deste trabalho, o autor se ateve ao tipo de dominação carismática, em um exercício de assimilação dos traços e atitudes do Monsenhor Expedito que o aproximam desse modo de gerir, governar, pastorear. O carisma daquele homem deveu-se à sua convicção de ser um

seguidor de Cristo aqui na Terra. Um sacerdote que falava em nome da Igreja Católica sem descuidar de afinar-se com as questões sociais. Era alguém que buscava a regeneração da pessoa humana atualizando a máxima de Dom Helder Camara: “Deus não nos fez pastores de almas desencarnadas”.

Imagem 6  
Fiel segura imagem de Monsenhor Expedito



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Primeiro, é importante que se diga que, em Weber, carisma não tem, necessariamente, uma ligação direta com a percepção corrente, propagada nos dias atuais, que o considera um atributo de simpatia e/ou facilidade de mostrar-se em público.

Weber elenca os muitos exemplos que vão contribuindo para a formação do líder carismático, seja ele heroico ou profético, e define três tipos ideais de líderes dotados de carisma: o mago, o profeta e o sacerdote, embora também remeta à figura do herói de guerra.

O poder do carisma fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de

uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens 'de dentro para fora' e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário (WEBER, 1991, p. 327).

Entre as características comuns aos três líderes carismáticos ideais, destacamos o despojamento de glórias ou bens materiais e o voltar-se para os propósitos de uma grande missão. Azevedo (2000) mostra o então Padre Expedito que rejeitava homenagens e pompas, pois sabia que a missão carismática a que estava destinado voltava-se para a dignificação das miseráveis vítimas das secas/enchentes do sertão potiguar. A respeito do já referido acontecimento da retirada do seu retrato da parede do Centro Social, "ao pronunciar o seu agradecimento, revelou a impossibilidade de aceitar o presente, por motivo do seu voto de pobreza que fora professado por ocasião de sua ordenação sacerdotal" (p. 09).

A dominação carismática é também em seu fundamento econômico exatamente o contrário da dominação burocrática. Enquanto esta última depende de receitas constantes e, portanto, pelo menos *a potiori*<sup>3</sup>, da economia monetária e de contribuições em dinheiro, o carisma, apesar de viver dentro deste mundo, não vive dele (WEBER, 1991, p. 325).

Monsenhor Expedito, a exemplo de Jesus Cristo, e por opção, na ocasião de sua ordenação sacerdotal decidiu fazer-se pobre, jamais miserável. Ele compreendia a gritante diferença existente entre pobreza e miséria. Sabia que, ao lado do enriquecimento de uma parte da população, acumulam-se, perpendicularmente, bolsões de miséria. Ao contrário da miséria, a pobreza permite um mínimo de dignidade de vida, um mínimo de autonomia dos sujeitos. Miséria é a situação de desenraizamento total; é uma alienação não apenas do processo de produção de que fala Karl Marx, pois vai além. Ser miserável é estar de fora, não possuir ferramentas para construir mentalidades ou pontos de vista a respeito das problemáticas do mundo. Ainda nos dias

---

<sup>3</sup> A definição de uma coisa *a potiori* é a que se efetua levando em conta o melhor, [o mais digno; o perfeito] que há na coisa definida. (MORA, 2000, p. 02).

atuais a miséria prolifera em todos os lados do mundo. É bem verdade que, na maioria dos casos, ela anda *pari passu* com a pobreza, a falta de bens materiais, mas esse fator não deve ser encarado como fim último. Há que buscar uma emancipação da miséria.

O líder carismático se deixa impregnar pelos problemas e situações que o cercam e os inclui no seu projeto de salvação. É atento para o fato de que é necessário um mergulho completo nas convicções que possui, bem como o envolvimento com os sujeitos com os quais se relaciona. Sobre o exercício de envolvimento total com as questões e problemas que os rodeia, alerta Ernesto Sabato (2006, p. 31):

Mas se não nos deixamos tocar pelo que nos rodeia não poderemos ser solidários com nada nem ninguém, seremos essa expressão assustadora com a qual se nomeia o ser humano deste tempo, 'átomo cápsula', esse indivíduo que cria ao seu redor outras tantas cápsulas nas quais se fecha, em seu departamento funcional, na parte limitada do trabalho que lhe cabe, nos horários de sua agenda.

O conhecimento de causa da miséria pela qual passavam as pessoas que se debatiam entre secas e fome, aliado a outras ferramentas da ordem do não racionalizável, foram carismaticamente capacitando e formando o Padre Expedito. O líder carismático é aquele que está em permanente formação. Vai-se tornando líder conforme traça as bases de satisfação de "necessidades que transcendem as exigências da vida econômica cotidiana." (WEBER, 1999, p. 323).

O portador do carisma assume as tarefas que considera adequadas e exige obediência e adesão em virtude de sua missão. Se as encontra, ou não, depende do êxito. Se aqueles aos quais ele se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante "provas". Mas, neste caso, não deduz seu "direito" da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão (WEBER, 1999, p. 324).

Ao construir os três tipos possíveis de líderes baseados em uma dominação carismática, Weber continua a seguir a linha de raciocínio que lhe é peculiar, o da “opção”. Diz que “a cada momento e espaço, o homem não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo. [...] Em vista dessa situação, o homem está constantemente enfrentando e sendo obrigado a realizar opções” (WEBER, 1999, p. 11). Nesse jogo quase existencialista de demarcação, ou melhor, de lapidação de determinados perfis de líderes, Weber realiza uma oposição por meio da detecção de diferenças entre cada um deles, embora sejam oriundos de uma mesma raiz de dominação que, neste caso, é a carismática. É necessário ir por partes.

Destituídas as descrições carismáticas de mago ou feiticeiro, a análise é centrada, de agora em diante, nos modelos de sacerdote e profeta propostos por Weber. Por meio de citações e referências a vivências do Monsenhor Expedito, é feita a sugestão de que sua figura, carismaticamente qualificada, fazia um trânsito entre as duas proposições weberianas. Em determinados momentos agia como profeta, em outros, tomava as atitudes institucionais do sacerdote. Como sacerdote militou em favor da renovação paroquial como um pastor que cuida da unidade do rebanho alimentando-o na fé, ajudando a construir a Igreja pela piedosa obediência e respeito a seus superiores.

Como profeta, não se instalou no monte Tabor do comodismo institucional; antes, assumiu a caridade como baliza para a vida, ainda que, para isso, necessitasse ultrapassar os limites da matriz paroquial e lançar-se à errância por entre os poderes civis.

É importante dizer que, como ponto comum entre os tipos ideais de líderes carismáticos há uma intersecção importante: todos eles são vocacionados, ou seja, possuem uma inclinação para, atendem a um apelo, a um chamado para liderar, para conduzir pessoas, rebanhos. A ideia de vocação, em Weber (1999), não se atém apenas à ideia de chamado divino. É muito mais o acolhimento de uma compreensão das responsabilidades referentes ao que se deve fazer.

Ao pensar a palavra profeta, o autor volta-se para sua raiz hebraica *nabi* (FONSATTI, 2008), que significa a ação de proclamar, de gritar. Mas, em grego, o termo utilizado é *prophetes*, que indicaria a ideia popularmente traduzida por mensageiro dos deuses. Contudo, a palavra em grego é muito complexa, pois se forma a partir de dois termos: *pro* e *phemi*. Enquanto *phemi* significa dizer, proclamar, *pro* pode significar antes de, e/ou no lugar de alguém. Em síntese, anunciar ou preparar o que virá a acontecer ou chegar.

Para que seja possível anunciar ou preparar as pessoas para o porvir, o profeta deve ser um leitor de mundo. Ele precisa conseguir decifrar os sinais dos tempos que cismam em esconder-se em uma espécie de espuma ou neblina que embaça a visão dos que não se deixam impregnar pelas situações intrínsecas que guiam as sociedades. Só sabe anunciar quem se faz capaz de ler o diferente. No dizer de Giorgio Agamben (2009), contemporâneo é aquele que não está preso ao tempo presente, mas é capaz de relacionar-se com o tempo através de uma dissociação, de um anacronismo e de uma não sujeição aos desmandos vigentes. Diz Agamben que “aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque [...] não conseguem manter fixo o olhar sobre ela (2009, p. 59).

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber, não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 62-63).

O escuro dos tempos talvez seja algo de mais profundo que escapa à espacialidade e aos nossos sentidos e racionalizações mais aparentes. Talvez seja necessário exercitar o que sugere o poeta Arthur Rimbaud, quando diz que, para tornar-se vidente, é preciso “chegar ao desconhecido através do desregramento de todos os sentidos”. Parafraseando Rimbaud (1871), em relação à vidência, a leitura do tempo a ser feita, anunciada e denunciada pelo profeta não é o exercício de antecipar ou antever o futuro, predeterminá-lo,

mas é, sobretudo, percebê-lo através de outra perspectiva, a que inclui o desconhecido e o indeterminado, por meio de uma conexão desmedida com o entorno e com o que está sendo vivido. Desregrar os sentidos não é, de modo algum, se afastar do mundo em nome de um delírio incoerente, mas, contrariamente, significa manter-se em sintonia com o presente, modificando-o, excedendo-o e transformando realidades.

Nesse mesmo sentido, em Weber (1999), a profecia não é, de modo algum, um exercício intelectual de especulação metafísica ou teológica. É, sobretudo, um critério essencial da profecia, a mensagem ou chamado para romper com uma ordem estabelecida. Essa característica é visualizada em Monsenhor Expedito Sobral, sobretudo no que diz respeito ao seu envolvimento com as realidades humanas decorrentes das sucessivas secas. Naqueles momentos de escassez, um tipo de indústria se corporificava por meio do aumento exacerbado dos preços dos alimentos básicos, do desvio de verbas públicas e aumento da dependência política por meio das trocas de favores. “A amaldiçoada indústria das secas”, conforme expressão do próprio Expedito (1990, p. 26).

A voz profética, conforme expressão de Fábio Damasceno, é aquela que “chega aos homens, que aparece na cultura e que procede da própria cultura. Ela denuncia as injustiças, as distorções, denuncia aquilo que não é de interesse comum, do bem comum, dos valores maiores da humanidade” (*in*, BINGEMER; YUNES, 2002, p. 31). O profeta, assim como o sacerdote, possui um carisma especial e uma missão de que somente ele estaria investido. O que os diferencia, substancialmente, é que o profeta possui, em si, a finalidade da inovação, ou seja, cria uma nova ética religiosa, ou um novo parâmetro de doutrinas e dogmas que questionam a imposição tradicional defendida pelo sacerdote. O sacerdote possui senso ético, ou seja, respeita os limites da institucionalização de sua representação, voltada para a formação de uma moral. Além disso, segundo Weber, o sacerdote possui um saber peculiar, de forma profissional e hierarquizada.

Por sua forma característica de dominar, o perfil do profeta choca-se, na maioria das vezes, com os interesses do sacerdote, que é o representante de

uma instituição ou, nos termos weberianos, é a própria “racionalização da religião” (1991, p. 279-280). O sacerdote é tido como mediador (dominador) da ação religiosa, logo o sacerdote será o intermediador das relações entre Deus e os homens (WEBER, 1991, p. 281). Portanto, para Weber, essa condição o torna, em termos de comportamento de dominação, radicalmente diferente do profeta. Se a influência sobre os deuses e demônios se torna objeto de um culto permanente, o profeta e/ou mágico carismático transforma-se em sacerdote (1991, p. 343). O sacerdote ocupa lugar no escritório hierárquico de uma corporação de salvação que a ele confere autoridade legítima e, sendo assim,

sistematiza o conteúdo da profecia, ou das tradições sagradas no sentido da estruturação nacional – causística – e da adaptação dos costumes mentais e de vida de sua própria camada e dos leigos por ele dominados (WEBER, 1991, p. 315).

Por estar lotado em uma instituição, cabe ao sacerdote seguir regras pré-estabelecidas e estar em dia com elas. Assim procedia o Padre Expedito. Ainda que passasse a amar os paroquianos das localidades para onde era destinado pelo arcebispado de Natal, local institucional de seu pertencimento, sempre atendia prontamente às notificações de apresentação e mudanças sugeridas. Além do mais, para estar em sintonia com as recomendações de sua Igreja em nível mundial, como exímio pesquisador, ele estava continuamente em dia com as leituras dos documentos expedidos.

Quase nunca faltei às reuniões do clero, em Ponta Negra e nos zonais. Isso nos dava coragem para continuar, pois estávamos sempre ligados ao Papa, à CNBB e ao nosso Bispo. Leio sempre a fim de não ficar para trás. (MEDEIROS, 1990, p. 45).

Muitos líderes carismáticos, em seus propósitos mais primordiais, necessitam localizar-se na chancela institucional para, assim, iniciarem ou darem concretude aos seus ideais. Monsenhor Expedito era um líder carismático que atuava na instituição e, também, para além dela, uma vez que

se foi tornando uma figura muito respeitada em outros ambientes e esferas da sociedade civil. Nas reuniões do clero, quando as discussões se acaloravam, ele tomava a palavra e estabelecia um ponto de conciliação e equilíbrio, tendo sempre como maior parâmetro, o amor à Igreja, o respeito aos colegas e às suas diferenças. Era ouvido por que era testemunha do Cristo, porque sua pessoa e postura comunicavam coerência e integridade. O temperamento descontraído e jocoso alegrava o ambiente e o elevava pelo respaldo de sua vida e pelo nível de sua formação teológica e eclesial.

Imagem 7  
Ao lado de Dom Helder Camara



Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

O respeito que desfrutava junto ao clero e ao povo, deveu-se à sua trajetória de vida. Nas décadas que transcorreram entre a sua ordenação sacerdotal e o ápice de seu trabalho pastoral e social, muitas mudanças estruturais aconteceram na Igreja e, por sua vez, também no mundo, no Brasil e no estado do Rio Grande do Norte. Na verdade, como na maioria dos processos de mudanças importantes, descritas na história dita oficial do

mundo, a Igreja cristã esteve presente, ou até foi decisiva para tal, seja em embates de negação ou em movimentos de exaltação de sua presença.

## 2.1 *Cenário socioeclesial*

O cenário que se optou por focalizar, a partir de agora, compreende a década de 1940 até os fins da de 1960, o que não exclui a menção a outros tempos e não implica dizer que os temas e locais dos acontecimentos serão tratados de forma linear. Ao passo que se anuncia certa mudança em nível mundial, se fala de suas repercussões no Brasil ou em Natal. O contrário também poderá ocorrer.

A Igreja de Roma, nas três décadas assinaladas, entre vários fatos marcantes, viveu os antecedentes do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. Em linhas gerais, o Concílio Vaticano II englobou uma série de encontros e conferências oficiais, realizadas entre os anos de 1962 a 1965, durante o final do pontificado de João XXIII (1958-1963) e o início do de Paulo VI (1963-1978). Sendo considerado marco da abertura da Igreja frente à modernidade, no século XX, o Concílio visava a modernizar as relações da Igreja de modo a reaver cristãos afastados, repensar as relações com outras igrejas de cunho cristão e com o judaísmo, e estender-se para as profissões de fé não cristãs. Segundo João Batista Libânio, em *Igreja contemporânea: encontro com a modernidade* (2002), o Concílio representou um “momento de glória e de abertura. Acontecimento máximo eclesial deste século” (p. 11).

A nova postura assumida pela Igreja implicava reconhecer erros anteriores de forma a não repeti-los no presente e, assim, poder traçar bases de perpetuação da fé no futuro. Algo de muito crucial, no que diz respeito às mudanças no percurso da Igreja, sobretudo após o advento do mundo moderno, foi o aproximar-se do povo, essencialmente dos mais humildes. Como dizia o Monsenhor Expedito Sobral, a nova fase da Igreja, especialmente a partir de 1950, foi necessária para “corrigir nossa visão dualista e clericalista do mundo. [...] A muito custo aprendi a ligar a fé com a vida” (1990, p. 25).

Nos anos pós 1945, o mundo ainda vivia, muito fortemente, sob as sequelas do mal estar instaurado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A Europa estava em processo de reconstrução física, social e psíquica de sua população. As notícias das perseguições e mortes dos judeus, pelos nazistas, continuavam a repercutir no mundo inteiro, e este se percebeu absolutamente vulnerável, especialmente após as explosões atômicas ocorridas em Hiroshima e Nagasaki. No Brasil chegavam aos meios de comunicação, bem como à literatura, as notícias e histórias da seca do Nordeste. A miséria passava a ser publicada e retratada das mais variadas formas. Tornava-se popular a compilação dos estudos de Euclides da Cunha em *Os sertões*, obra na qual o literato apresenta um admirável estudo da terra e do homem do sertão nordestino, das condições de vida do sertanejo, da sua resistência e capacidade frente às intempéries de sua topografia.

Na política brasileira, Getúlio Vargas transitara da renúncia forçada à volta ao poder, por meio de eleições constituintes, até a morte, tudo em um espaço de tempo menor que uma década. Em seguida o país entrou em uma era de desenvolvimento, acelerado pela expansão econômica, com a eleição de Juscelino Kubitschek (1956-1961) que, por sua vez, foi sucedido pelo Presidente Jânio Quadros. Foi em um ano de renúncia presidencial, no Brasil, que teve início o Concílio Vaticano II.

Já há alguns séculos a Igreja não estava impermeabilizada em relação às transformações ocasionadas pelas práticas da modernidade, as quais se expressavam, entre outras, pelo avanço da ciência e, de forma mais essencial, por uma matematização do mundo e dos problemas a serem resolvidos, à maneira de Newton e de Copérnico, ou da experimentação, separação, oposição e comprovação propostas no método de René Descartes. (STENGERS, 2002). A modernidade cobrava lucidez em relação aos fenômenos e a Igreja já dava sinais de abertura, embora até mesmo aqueles sinais, como afirma Libânio (2002), fossem realizados de uma maneira pré-moderna. “O pontificado de Pio XII deu muitos passos em direção à modernidade, mas de uma maneira pré-moderna. O Concílio Vaticano II agiganta os passos e os dá de maneira moderna. Nisso consiste a diferença fundamental”. (Disponível em

[http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/?tac=101](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/?tac=101). Acesso em 25/07/2012).

O movimento dos leigos, na forma proposta pela Ação Católica foi, para Libânio (2002), uma das principais bases de preparação da Igreja Católica para o Concílio Vaticano II. O leigo passou a participar dos problemas da Igreja e, ao mesmo tempo, a atuar no mundo.

De fato, a Ação Católica levou os colegiais (JEC), os universitários (JUC), os operários (JOC, ACO), o pessoal do campo (JAC) e pessoas dos meios independentes (JIC) a inserirem-se nos seus ambientes específicos a tal ponto que eles trouxeram para dentro da Igreja toda a problemática moderna que aí se vivia (LIBÂNIO, p. 59).

O Concílio Vaticano II foi uma espécie de emergência, tendo em vista a combinação de uma série de elementos que já se reuniam alguns anos antes. O tradicionalismo e conservadorismo já iam dando lugar a uma tendência pastoral com abertura ao ecumenismo, além de a inserção ativa do leigo passar a funcionar como uma porta entre o mundo moderno e a Igreja. Conduzindo a análise de volta ao Brasil, até o período final do Concílio, o país passou por grave crise econômica e, em 31 de março de 1964, os militares derrubaram João Goulart, tomando o poder. Ainda assim, os avanços da Igreja, em relação a uma maior aproximação para com a vida dos fiéis, seguiram seu trajeto.

O Concílio teve caráter pastoral e ecumênico, uma vez que, em síntese, solicitou a abertura da doutrina tradicional ao pensamento moderno e buscou promover a unidade de todos os cristãos no mundo. A tarefa ousada, e nada fácil, de implementá-lo, era o mais largo dos passos oficiais e, as práticas decorrentes de tal tarefa, se desdobram até os dias atuais. Solicitou-se uma abertura que não devia ser confundida com perda ou afrouxamento dos valores de essência cristã.

Com relação aos desdobramentos, para que houvesse, efetivamente, o acolhimento do discurso moderno, era preciso, literalmente, que a Igreja

falasse a língua de seus fiéis. Falar a língua, neste caso, não é mera expressão retórica no sentido de um falar fácil, mas, antes disso, significava falar no próprio idioma dos fiéis, com a utilização das línguas vernáculas em lugar do latim. Na mesma linha de mudanças literais de postura e atitudes, a Igreja não podia mais virar as costas aos fiéis. Nas missas, os celebrantes, efetivamente tinham que olhar nos olhos das pessoas, falar de frente para elas, no universo delas. De forma ainda mais aproximativa, pedia-se que os padres vestissem a roupa do povo. Na mesma esteira do duplo significado, vestir a roupa do povo era despir-se da pompa formal dos trajes, das tiaras, e optar por certa simplicidade no vestir; inclusive, nas situações menos formais, a batina poderia dar lugar a roupas mais convencionais, mesmo que sóbrias. Ainda mais, expressava-se a necessidade de pensar com menos rigidez e com maior rigor de ideias. As atitudes rígidas, aquelas irremediavelmente cristalizadas, próprias do período pré-moderno, deveriam dar lugar a um maior rigor no pensar, a partir de construções de ideias e consolidação de um conhecimento teológico e científico que, todavia, não negasse as bases de referência cristãs (ALMEIDA, 2010).

Conforme referido na introdução deste trabalho, na América Latina, por seu turno, aconteceram as emblemáticas conferências de Medellín (1968), e de Puebla (1979), além de ter sido fundada, em âmbito nacional, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1952. No Rio Grande do Norte surgiu e fortificou-se o “Movimento de Natal” que buscava “educar para mudar” (LIBÂNIO, 2002, p. 124).

Também não deve ser deixada de lado uma realidade bastante desafiadora para a cidade do Natal, a partir da situação social criada e deixada pela Segunda Guerra Mundial, a qual exigia, por parte da Igreja, alguma resposta no campo da assistência social, sobretudo junto às populações da periferia urbana. Tal assistência passou a ser feita através da Escola de Serviço Social e do Serviço de Assistência Rural (SAR). Essas instituições e serviços tiveram, como base de apoio e desenvolvimento, os grupos da Ação Católica existentes, entre eles a Juventude Feminina Católica (JFC), fundada pelo Cônego Luiz Gonzaga do Monte, em 1936, e liderada, a partir de 1944, pelo então Padre Nivaldo Monte; a Juventude Masculina Católica (JMC),

fundada em 1945, pelo então Padre Eugênio de Araújo Sales (SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RURAL, 1974, p. 15).

O sistema de logística montado pelos Estados Unidos para conduzir sua frente de batalha no norte da África, a fim de desalojar dessa geo-região as forças do eixo (Alemanha e Itália), passava estrategicamente por Natal antes de atravessar o Atlântico e atingir Dakar, no Senegal. Para implantar esse elo importante de sua cadeia logística, os americanos construíram nos arredores de Natal a base aérea de Parnamirim, com cerca de dezessete pistas para atender simultaneamente o fluxo constante de aeronaves, que por ela transitavam e nela se abasteciam antes de prosseguir na sua rota entre os EE UU e a África (MONTENEGRO *et al*, 2009, p. 83).

A construção e a manutenção daquela base atraíram mão de obra braçal do interior potiguar, sobretudo no ano de 1942, quando uma estiagem prolongada castigou o semiárido nordestino. Esse fluxo migratório quase dobrou a população de Natal durante a guerra. “A desativação de grande parte da base, ao término do conflito, criou um problema social para aqueles que decidiram não retornar ao interior e resolveram permanecer na capital do estado” (MONTENEGRO *et al*, 2009, p. 83).

Sem dúvidas, a Escola de Serviço Social passou a ser o centro pensante e formativo para as lideranças do laicato engajado em todas as frentes de atuação social e evangelizadora da Igreja, conforme seus objetivos e linha de ação:

O desenvolvimento de uma atitude favorável à pesquisa, a abordagem mais científica dos problemas, a maior racionalização do trabalho social e a passagem do assistencialismo à autopromoção passaram a ser uma realidade nas atividades realizadas pela Igreja de Natal, com o funcionamento da Escola de Serviço Social.

À medida que se tomava consciência dos problemas da capital e procurava-se equacioná-los, percebia-se que estes, em grande parte, não eram senão consequências da situação do meio rural. Por outro lado, havia uma certa angústia no clero rural em relação às condições de vida da população e trabalhos isolados começaram a surgir, numa tentativa de

resposta (SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RURAL, 1974, p. 16).

No final de 1941, Natal, que tinha, então, apenas 60 mil habitantes, recebeu 20 mil soldados americanos, o que gerou, além de grande desordem social, o crescimento da cidade. Desse modo, em 1950, a população da capital do Rio Grande do Norte havia alcançado 103 mil habitantes, o que significou crescimento populacional de 84% em uma década. Esse crescimento descompassado veio acompanhado de sérios problemas que desafiaram a Igreja.

A criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi, certamente, o acontecimento mais marcante da vida da Igreja no Brasil, ao longo do período de 1950 a 1955. Em âmbito universal, foram igualmente anos de inestimável riqueza. Terminada a Segunda Guerra Mundial, a Igreja estava sedenta por marcar uma presença ativa nas novas realidades surgidas em decorrência daquele conflito que envolvera quase todo o planeta.

Em Natal, um grupo de sacerdotes da Arquidiocese, liderados pelo Padre Eugênio Sales, chegou à conclusão de que o problema sentido na cidade era decorrente de um desafio mais amplo a ser seriamente enfrentado: as péssimas condições de vida e de trabalho do homem do campo. Tornava-se necessário um programa mais vasto e integrado que promovesse o desenvolvimento humano daquelas populações, elevasse a qualidade de suas condições de trabalho e lhes proporcionasse uma educação para a vivência de uma fé mais encarnada na vida de cada dia. Como resposta, foi criado o Serviço de Assistência Rural (SAR), que acabou sendo o ponto de partida para o programa de maior escopo que ficou conhecido como “Movimento de Natal”.

O movimento que a Igreja de Natal fez, teve a ver com uma atitude que implicava arregaçar as mangas, pois se percebeu que a estadia dos americanos tinha-se tornado um problema social para a cidade. A Igreja não ficou aquém disso: ela saiu da postura do discurso e da oração e partiu para as ações concretas. Conectado com a Igreja de Natal e também do mundo, o Monsenhor Expedito iniciou sua atuação em São Paulo do Portengi fortificando

as bases de entendimento da população em relação à miséria que a circundava. No mesmo período, Dom Eugênio organizou as “Semanas Rurais” (1951), que tiveram início com a denominação “Semana Ruralista” em âmbito da Igreja no Brasil, mais precisamente na Diocese de Campanha, no estado de Minas Gerais. Naquela ocasião, o bispo, Dom Inocêncio Engelke, anunciou a Carta Pastoral com a célebre frase: “conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma agrária” (CNBB, 1976, p. 43). Tal anúncio, tornou-se a primeira proclamação pública da Igreja do Brasil em relação aos problemas da má distribuição de terra. No evento mineiro

estiveram reunidos 60 párocos rurais, 250 fazendeiros, mais de 270 professoras rurais, além de religiosas e religiosos representando os estabelecimentos de ensino secundário, cuja absoluta maioria de alunos provém da zona agrícola (PAIVA, 1983, p. 79).

“Quatro meses após a I Semana Ruralista de Campanha [...] os bispos das dioceses de Natal, Mossoró e Caicó realizam de 22 a 27 de janeiro de 1951, na cidade de Jundiáí, a I Semana Rural” que tem como fruto imediato a pastoral sobre o “problema rural” (PAIVA, 1983, p. 81). O então Padre Expedito foi um dos responsáveis, junto com Dom Eugênio Sales, por espalhar a ideia das Semanas Rurais no interior do Rio Grande do Norte e torná-las práticas e efetivas. Ao longo dos anos foram se adaptando às realidades locais e da época sob a denominação de “Festa da Colheita” ou “Festa do Agricultor”. Em São Paulo do Potengi, paróquia regida pelo Monsenhor Expedito, as Festas do Agricultor eram momentos, por excelência, para a articulação e organização do homem do campo, sua formação para a cidadania e educação política, uma vez que, na programação, constavam palestras com a participação de autoridades jurídicas, profissionais liberais e pesquisadores da área agrária, dentro de um processo maior de educação de base promovido pelo SAR.

Naquela época, as experiências do Movimento de Natal já haviam ganho expressão internacional, como se pode constatar no livro *São Paulo do Potengi*, de autoria do Padre José Marins (1965):

Os visitantes, cada vez mais numerosos, que chegam para conhecer e estudar o Movimento de Natal encontram, impreterivelmente, no roteiro de visitas o conhecimento “in loco” da experiência de renovação paroquial em São Paulo do Potengi... Estiveram naquela época em São Paulo do Potengi o Padre François Houtart, sociólogo de renome internacional; Pe. Emile Pin, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma; Pe. Eugênio Collard, de Lovaina; Prof. Eurico Van Roosemalen, da Holanda; Luís Carlos Mancini; Pe. Tiago Cloin, secretário-geral da Conferência dos Religiosos do Brasil; o secretário-geral da CNBB; a televisão americana “Columbia Broadcasting System” e uma televisão alemã (p. 116).

Diversos superiores de congregações religiosas e sacerdotes de muitos lugares do Brasil estiveram em São Paulo do Potengi para realizar estágio pastoral. O Monsenhor Expedito muito viajou pelo Brasil afora fazendo palestras para o clero em prol da renovação paroquial. Esteve em Campina Grande (PB), Pesqueira (PE), Parnaíba (PI), Fortaleza (CE), Caicó (RN), Mossoró (RN), João Pessoa (PB), Cajazeiras (PB), Recife (PE), Caruaru (PE), Aracajú (SE), Ilhéus (BA), São Luís do Maranhão (MA), Maceió (AL) e Iguatu (CE). Durante dois anos ele foi integrante do secretariado regional da CNBB no Nordeste e encarregou-se da divulgação e concretização do Plano de Emergência do Episcopado Brasileiro.

Embora ligado à hierarquia, era um homem que lia sobre o mundo e sintonizava-se com as exigências proféticas. Avançando na leitura de Weber, se percebe que ele sinaliza um duplo embate entre as figuras do sacerdote e do profeta. Em primeira instância o embate se dá na demonstração de que o movimento que constitui o primeiro, especialmente sua não institucionalização, é diferente do trajeto do segundo. Em segunda instância, Weber sinaliza um forte e constante embate da figura contestatória do profeta contra o líder carismático sacerdotal. Quando se busca ver o sacerdote enquanto sinônimo de institucionalização religiosa, ou racionalização religiosa, se vê que o profeta, na verdade, não contesta nem denuncia o sacerdote, mas, sim, a instituição que o sacerdote representa.

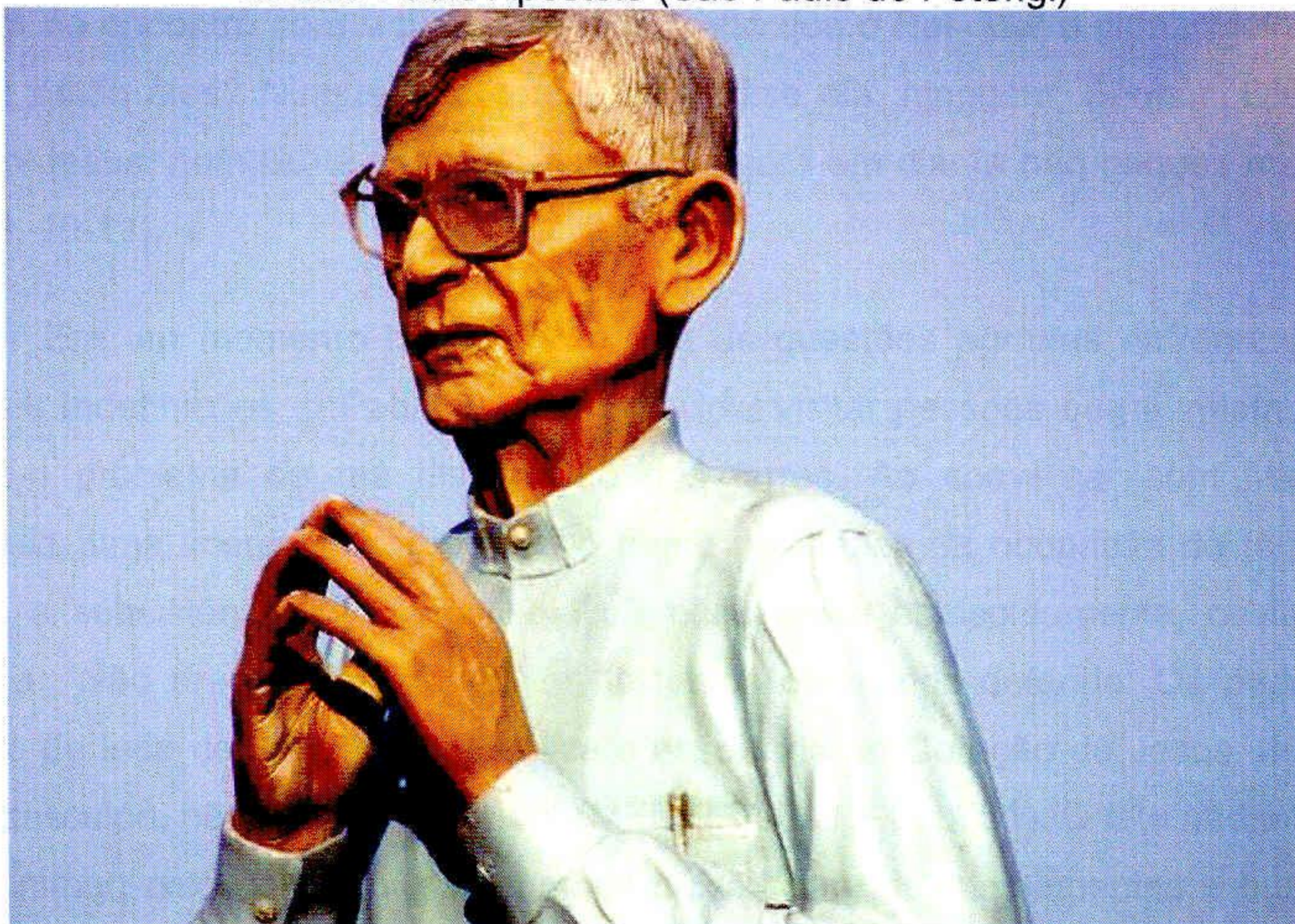
A radicalidade e o problema da opção presentes nas tipificações ideais propostas por Weber são, neste trabalho, postas em cheque através das demonstrações práticas da vida religiosa do Monsenhor Expedito, e elas são

primeiramente postas em discussão justamente pelo fato de tratar-se de tipos ideais. Por mais densamente descritos que tenham sido, os tipos ideais de dominação weberianos recrutam um mundo e uma sociedade também ideais, baseados em uma inércia e assepsia das relações. O enquadramento em tipos como sendo condição única ou até mesmo última, aproxima-se de uma utopia, ainda mais se tais ideais são transportados para o mundo das relações atuais – o mundo das relações reais – gestadas na combustão e imprevisibilidade dos acontecimentos e nas velozes transformações das relações; tal perspectiva aponta a visualização de possíveis conciliações entre sacerdote e profeta.

O profeta é uma liderança carismática que tem consciência do seu papel no âmbito da sociedade ou do grupo com quem se relaciona e no qual atua, conhecendo e se deixando ser conhecido, pelo resguardo e proclamação de valores essenciais à vida humana. Independente, corajoso e coerente, sua identidade surge e se configura em um contexto sociohistórico que passa a ser visto e interpretado a partir de uma ótica normalmente discordante e denunciadora do *status quo* da sociedade estabelecida.

#### Imagem 8

Estátua do Monsenhor Expedito, em tamanho real, colocada em frente à Matriz de São Paulo Apóstolo (São Paulo do Potengi)



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/parmanet/6416389817/>. Acesso em 19/07/2012.

Nesta linha de reflexão, insere-se, há dois mil anos, a pessoa de Jesus que, para todos os cristãos, é o modelo essencial de profeta. É no universo bíblico do judaísmo que se pode encontrar o seu papel e a sua ação transformadora. O valor social fundamental, para o qual sempre esteve atento e pronto para defender e promover foi a justiça. A causa prioritária a ser assumida era em favor do órfão, do estrangeiro e da viúva. Por estes aspectos o judaísmo se enquadra no conceito de uma religião de ação e de compromisso social (CORREIA JÚNIOR, 2010, p. 14). No seio daquela cultura religiosa Jesus atualizou a palavra de todos os profetas, colocando a lei sob o signo do amor.

Inteiramente livre e independente das estruturas sociopolíticas e religiosas, Jesus foi assumindo e vivendo a sua missão, sempre na perspectiva de uma inclusão social que se evidenciava quando comia com os pecadores e não fazia acepção de pessoas. Um conterrâneo que portava tamanha sabedoria, escandalizava pelo jeito simples de viver, mas, também, pela audácia de seus atos. Foi assim no encontro com Zaqueu. “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19, 9-10). Foi assim no encontro com a pecadora mostrando que o Pai quer a vida. “Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Disse ela, ninguém, Senhor. Disse então Jesus: nem Eu te condeno. Vai e de agora em diante não peques mais” (Jo 8, 10-11).

Em um momento histórico em que as questões agrárias enfrentavam graves indefinições, o Padre Expedito decidiu visitar pessoas que sentiam na pele o problema da má distribuição das terras. Ao conversar com Maria Correia, uma liderança que estava à frente na defesa da ocupação de terras para a subsistência de muitos, ele ofereceu ajuda e, rispidamente, ouviu a crítica: “Não precisamos do senhor, já temos quem nos defenda. Os padres estão do lado dos ricos. Sou católica e associada do Coração de Jesus, mas, me desculpe, não precisamos, não” (MEDEIROS, 1990, p. 31). O fato não o fez desanimar; pelo contrário, serviu como pulsão para questionamentos e busca de uma nova forma de ação evangelizadora e social, como Igreja. Mesmo dentro da função de sacerdote ele foi anunciando coisas que quebravam a

ideologia de uma instituição que, historicamente, está comprometida com o poder e com os mais abastados.

Ao anunciar um tipo de Igreja renovada, que liga o evangelho aos problemas do mundo, Expedito Sobral de Medeiros abria novos caminhos. Por isso, é sintomático descrever o desfecho do problema com o qual ele se deparou na comunidade rural de posseiros, comandada por Maria Correia.

Certo dia, aquela líder me disse: 'só não acredito na sua sinceridade porque o senhor quando vem pra cá, passa primeiro na casa do 'homem'. Respondi que não era verdade, pois só conhecia aquele caminho para chegar ali. Ela me ensinou outro, péssimo. Precisava abrir 21 porteiras. Mesmo assim aceitei a proposta (MEDEIROS, 1990, p. 31).

Ser profeta é, de certo modo, abrir outras tantas porteiras. Ao abri-las e transpô-las, o Padre Expedito saiu como um novo sacerdote. Era desse sacerdote-profeta híbrido que a Igreja precisava para se renovar, para estar mais próxima do povo e das problemáticas que lhes afligia.

a missão profética da Igreja de denunciar as injustiças estava adormecida, há séculos, com raras exceções, por motivos históricos... Não era por maldade, mas por deficiência de uma teologia pouco ligada à realidade, esquecida dos grandes profetas da bíblia, do exemplo de Jesus e da pregação dos bispos nos primeiros séculos do cristianismo (MEDEIROS, 1990, p. 30).

Assim, Monsenhor Expedito ensina que o sacerdote não pode estar envolvido unicamente com as questões da instituição, embora também não possa deixá-las ao largo, uma vez que é um pastor instituído, formado para tal. O sacerdote precisa, sim, prezar e defender seu lugar eclesial, mas, ao mesmo tempo, precisa dispor-se a abrir outras porteiras, visualizar e atuar em distintas possibilidades.

### 3 MOVIMENTOS DO PASTOR NAS TERRAS DO POTENGI

As terras do potengi correspondem à área geográfica localizada na microrregião agreste potiguar, correspondente à bacia do Rio Potengi, rio que dá nome ao estado do Rio Grande do Norte. Potengi é uma palavra tupi guarani que significa “água de camarão”. Quando se estava por oficializar o novo município que se tornou a paróquia na qual o Monsenhor Expedito dedicou 57 anos de vida religiosa, surgiu um impasse resolvido pela intercessão do Padre Cícero, conforme escreveu o próprio Expedito Sobral de Medeiros:

Procurou-se dar um nome ao lugar, havendo opinião de chamar “Liberdade”. Bento Urbano então, mandou uma carta ao Padre Cícero do Juazeiro por José Quixaba, que mascateava por esse mundo afora, pedindo um nome para o lugar. Ele respondeu que desse o nome de ‘São Paulo, que tinha sido um santo muito combativo’ (1990, p. 15-16).

Como forma de atender ao pedido do Padre Cícero e dar originalidade ao nome do novo município, agregou-se, após o nome do santo, a palavra Potengi, pelo fato de este lugar ser banhado pelas águas do Rio Potengi.

Naquelas terras, o Monsenhor Expedito exercia seu carisma de forma equilibrada entre a execução das tarefas inerentes ao posto religioso que ocupava e as licenças de liberdade de poder que se autoconcedia para transpor os limites institucionais. À medida que percebia, antecipadamente, a necessidade de sua Igreja conectar-se a todos os fiéis, sem distinção, cada vez mais se aproximava deles para ouvir os seus apelos.

Comecei a me sentir mais perto do povo e sofrer com ele. Rezei muito e li muito. Exultei de alegria com a carta “A Igreja, Mãe e Mestra”, de João XXIII. O rumo estava certo. O Concílio Vaticano II estava em andamento e seus admiráveis documentos mostravam o trabalho do Espírito Santo na renovação da Igreja (MEDEIROS, 1990, p. 33).

O líder carismático também provê, com a ajuda dos séquitos e da instituição religiosa, a construção de monumentos, desde que estes ensejem manifestações do sagrado em benefício de todos. Monsenhor Expedito tomou a frente do projeto de construção da nova igreja da cidade que estava em formação.

Imagem 9  
São Paulo do Potengi com Igreja ao fundo



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

A construção levou 28 anos, sem um tostão vindo de fora. Festas e leilões, com a boa vontade de todos, inicialmente com luz de lâmpada a querosene e leilão no grito. [...] Dava gosto ver a comunidade em reboiço, angariando donativos, envolvendo crianças, jovens e adultos para a obra que é de todos! (MEDEIROS, 1990, p. 20).

As movimentações em prol da construção do prédio físico da igreja já mostravam os primeiros sinais da edificação da Igreja verdadeira que é o povo de Deus. Era como o embrião da missão que começava na coletividade.

Imagem 10  
Calistrato Batista, animador de leilões da Igreja de São Paulo do Potengi



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

As transgressões realizadas pelos líderes proféticos se dão, sempre, em nome de um propósito, uma força ou um desejo maior de fazer aquilo que deve ser feito, independente da situação contingencial em que se encontram.

[...] me ajudou muito a descobrir a presença de Deus nos homens e a diminuir o meu clericalismo. Foi difícil entender que cada acontecimento traz um apelo de Deus, e cada pessoa tem seu mistério, só de Deus conhecido. O Espírito Santo age também fora da Igreja. Deus é pai de todos (MEDEIROS, 1990, p. 33-34).

O então Padre Expedito não media distâncias quando o assunto era evangelizar. Por exemplo, sua primeira missão sacerdotal foi o pastoreio nas paróquias de Taipu e Touros, no Rio Grande do Norte. As paróquias eram geograficamente separadas uma da outra por cinquenta e quatro quilômetros que, à época e com as condições locais, “eram vencidos a cavalo”, conforme afirmado anteriormente (MEDEIROS, 1990, p. 07). Quando se tornou pároco

da recém-criada paróquia de São Paulo do Potengi, enfrentou situação parecida para tentar percorrer todas as comunidades a ela pertencentes. “As estradas eram apenas carroçáveis. No inverno ficavam intransitáveis, sem uma ponte sobre os rios. Eu os atravessava em canoa ou ‘de macaquinho’ nos ombros de Zé Silvestre, Charuto ou Tobias Pegado” (p. 17).

Com base nessas ações, escolheu-se substituir a noção de opção, proposta por Weber, pela noção de conciliação, a partir do modo de agir do Monsenhor Expedito que pensava a prática religiosa sacerdotal como sendo o ministério da reconciliação. Vejam-se suas palavras: “para vocês, sou ministro da reconciliação: é uma responsabilidade tremenda; com vocês sou um irmão entre irmãos: é uma segurança” (MEDEIROS, 1990, p. 51).

Ele mesmo descreveu uma situação crucial, até mesmo inesperada, que o fez começar a agir conscientemente no propósito de ser conciliador.

Poucos dias antes da festa de inauguração (instalação oficial do município de São Paulo do Potengi, em 1º de janeiro de 1944), o Dr. Juvenal Lamartine me procurou e disse: “Você sabe que há aqui algumas pessoas intrigadas”. A repressão ao levante comunista de 1935 servira para perseguir adversários e inocentes, costume desgraçado que vigora ainda hoje. “Nós vamos, continuou ele, fazer um banquete e convidar a todos, sem exceção. Eu falarei primeiro, mostrando os benefícios que trás um novo município. Depois você fala. A um dado momento você pede que todos se deem as mãos e sepultem as discórdias no esquecimento e no perdão. Essa missão é sua”, concluiu. Deu tudo certo. Esse fato me chamou a atenção para o resto da vida: aquele homem que fora juiz, deputado federal e último governador do Estado na República Velha, representante da oligarquia e caçador de cangaceiros, pioneiro da aviação civil no Estado, ferozmente atacado por seus adversários, naquele momento falava pelo Espírito Santo, despertando no jovem padre a essência de sua missão: reconciliar os homens entre si e com Deus (MEDEIROS, 1990, p. 18).

O ideal conciliatório era tão fortemente impregnado nas suas práticas que até mesmo o serviço de som da igreja, do qual partia toda a comunicação paroquial, desde horários de missas a avisos de reuniões, tinha o nome de “voz

da concórdia”; ao nome acrescentava-se o jingle – “o mais forte laço da nossa comunidade” (MEDEIROS, 1990, p. 22).

O direcionamento para a ideia de laço de concórdia pode ser metaforizado como um matiz de originalidade proposta nesta pesquisa: a de sugerir, a partir de uma aproximação com os fatos da vida do Monsenhor Expedito, o que Max Weber não concebia em sua teoria, a ideia de que cada manifestação de um líder, fosse ele sacerdote, profeta, político, cientista, mago etc., ainda que estivesse enquadrado em um mesmo tipo de dominação, não seria possível condensá-lo, ou pensá-lo, como hibridismo presente em um mesmo sujeito.

O Monsenhor Expedito conciliava, em si, os dois perfis de sacerdote e de profeta. “Fui compreendendo que o ministério da reconciliação não se faz com omissão, nem a qualquer preço. O sofrimento era necessário para a conversão” (1990, p. 32), pois acreditava que “vale a pena ser padre” (1990, p. 48). Assim, ser padre é experimentar Deus no cotidiano de seu povo e ser capaz de sonhar com uma sociedade mais justa para todos. Porém, a construção dessa sociedade não acontece de modo mágico. É um processo árduo de ações diárias que, por vezes, regeneram e reconciliam, por vezes irrompem, inovam e descentralizam. Buscando compreender a caminhada de seus paroquianos sem esquecer o propósito da reconciliação, o Monsenhor utilizava-se dos tempos de crise na comunidade, como eram os períodos de disputa política para encarnar os ensinamentos do evangelho de Cristo. “Eu não perdia de vista a minha missão de reconciliação e eu sabia que as organizações populares serviam de amortecedores das pressões políticas ou de poderosos mal educados” (MEDEIROS, 1990, p. 29).

Ainda nas anotações do Monsenhor em sua obra tantas vezes referida neste trabalho, encontra-se este interessante registro sobre a sua última paróquia:

A cidade era pequena, beirando 3.000 habitantes. Não tinha luz elétrica; apenas, lampiões de querosene nas principais esquinas, e alguns pés de fícus-benjamins. Só havia 3 rádios a bateria, muito procurados para se ouvir o noticiário da BBC de

Londres, sobre a grande guerra [*Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945*]. O Correio era duas vezes por semana. Os telegramas eram por telefone, via Macaíba. A transmissão era feita no grito ficando a vizinhança a par de tudo. E quando o agente era o velho José Claudino, quase surdo, podemos imaginar os disparates recebidos (MEDEIROS, 1990, p. 17).

Por esta narrativa se pode perceber um dos aspectos mais visíveis e marcantes da personalidade do Monsenhor Expedito, que era a sua descontração. Estava sempre de bom humor a identificar, com espírito e alma limpos e abertos, as jocosidades que podiam ser colhidas em uma relação de amor e estima para com todas as pessoas com quem se relacionava na vivência do seu ministério sacerdotal. Nas memórias deixou registros sobre o assunto:

Foi na década de 50 que se desenvolveu aqui, o que veio a se chamar depois “pastoral social”. Começada anos antes, pelo dinamismo de Monsenhor Paulo Herôncio, em Currais Novos, e Dom Delgado, em toda sua diocese, esse tipo de presença da Igreja visava cooperativismo, creches, maternidades, escolas do pobre, centros sociais e se alastrou em nosso Estado e no Nordeste (MEDEIROS, 1990, p. 22).

Como já referido neste texto, os centros sociais, os colégios, as creches e até mesmo os cinemas e bandas de música foram ações comuns e prioritárias na presença e papel da Igreja, levados a efeito através do dinamismo e visão empreendedora de alguns padres em paróquias que, naquelas décadas, constituíam verdadeiras frentes de ação social e promoção humana.

O Centro Social de São Paulo do Potengi foi constituído em 10 de fevereiro de 1954; através dos departamentos de educação, agricultura, saúde e esporte, ele se irradiou para o interior da paróquia. Os centros sociais das paróquias formavam como que uma rede de organismos e serviços de promoção humana, articulados e acompanhados pelo Serviço de Assistência Rural (SAR), da Arquidiocese, criado e dirigido pelo padre Eugênio Sales, então capelão da Polícia.

Toda a ação evangelizadora desenvolvida pelo Monsenhor Expedito se fundamentava em uma visão bem mais ampla do papel da Igreja que, à medida que aprofundava sua presença e atuação junto ao povo, ao homem do campo, em suas comunidades e povoados, necessária e evangelicamente ia também se comprometendo com a realidade social; para tanto, forjava, com as lideranças de base e o apoio da Diocese, uma atuação mais abrangente na linha do humanismo da época, visando, como dizia o Papa Paulo VI, “a promoção do homem todo e de todos os homens” (*Populorum progressio*, 1967). Não se concebia um esforço e uma presença evangelizadora, por parte dos padres em suas paróquias, sem uma concomitante ação social que fosse resposta às tão gritantes carências naquela área, por parte de parcelas da população expostas às doenças endêmicas, ao analfabetismo e à exploração do trabalho e da produção por parte dos fazendeiros e coronéis, situação que era ainda mais aviltante nos períodos de seca. Em um contexto de promoção humana, educação popular e libertação do povo, “o Centro Social criou um lema que devia lembrar sua linha de ação: ‘Sempre unidos venceremos’” (MEDEIROS, 1990, p. 22).

Foi decisiva, para a sua revolucionária ação pastoral em favor do processo de renovação paroquial que era aplicada em São Paulo de Potengi, a sua participação no Congresso Internacional da JAC (Juventude Agrária Católica), realizado em Lourdes, na França, de 6 a 29 de maio de 1960, reunindo vinte e seis mil jovens trabalhadores rurais, cujo tema, forte e denunciador, foi “A fome no mundo”. Monsenhor Expedito dele participou na condição de assistente arquidiocesano da JAC.

Retornando à Diocese, trouxe consigo um estatuto que serviu de base para a organização dos sindicatos rurais, iniciativa sociopastoral que se tornava prioritária para todas as paróquias na Arquidiocese de Natal.

A ação da Igreja, apoiando e contribuindo para a organização dos sindicatos rurais, surgiu como uma reação, ou contraponto, à possibilidade de exportação da revolução de Cuba para toda a América Latina.

A força mais explosiva no sentido da dinamite, que serve para construir um mundo mais humano e que o movimento de Natal desejou realizar e suscitar, são os Sindicatos Rurais. Esse trabalho começou em 1961, dentro do quadro do regime brasileiro de Sindicato Único, que permanecia inexistente no domínio agrícola (COLLARD, 1963, p. 70-71).

Em Natal, de 15 a 20 de julho de 1963, foi realizada a Convenção Nacional dos Sindicatos Rurais Brasileiros, em cuja pauta reivindicatória constava forte apelo pela reforma agrária, necessidade urgente para o Brasil.

Percebia-se claramente que as ações da Igreja junto ao homem do campo eram uma tentativa de minorar a sua miséria e pobreza, era um compromisso de envolver todas as suas forças vivas em um grande mutirão pró-dignidade humana dos nordestinos, até ali, e sempre, mergulhados em um quadro de

ignorância generalizada, a subnutrição, as endemias, a ausência de socorros médico-hospitalares, carência de orientação técnica e de assistência sanitária, o isolacionismo no campo, as cheias e as secas, a infração nacional, a prepotência dos poderosos, agravam um contexto já duro de vida Nordestina (MARINS, 1965, p. 25).

O Monsenhor Expedito tudo fazia em vistas da formação e da organização do povo na linha da educação política e da cidadania. Na década de 1960 organizava as conhecidas e já referidas “semanas ruralistas”, que tiveram origem na Diocese de Campanha, em Minas Gerais.

Até os anos 1990, com as transformações sociopolíticas e econômicas que foram se configurando no território nacional, manteve, sistematicamente, “A Festa do Agricultor”, realizada no mês de agosto de cada ano, na praça central de São Paulo do Potengi. Convidava alguns palestrantes para discorrerem sobre determinados temas que mais se enquadravam na conjuntura sociopolítica, econômica e religiosa do momento. Uma estrutura era montada com palanques e serviço de som.

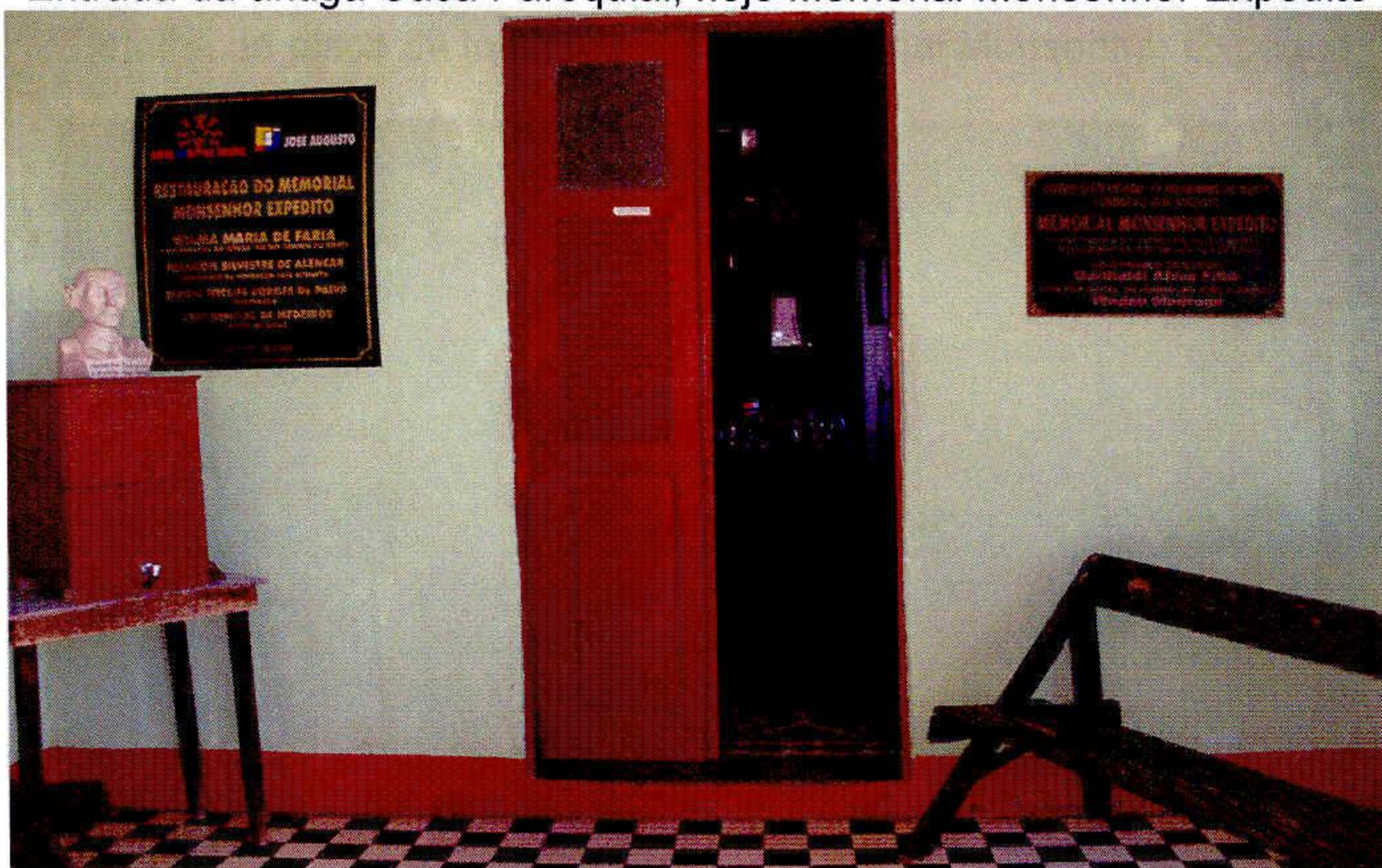
São várias e consistentes as referências encontradas quando do levantamento das obras e de algum material escrito sobre o Monsenhor. Os autores Queiroz e Batista, em sua obra assim declaram:

Mas o Monsenhor Expedito, que falava pelos aflitos, que não esmorecia na defesa dos desprotegidos da fortuna, não gostaria de ser enaltecido apenas por ter cumprido o que para ele era o seu dever. E quem o conheceu sabe muito bem que ele detestava os elogios, as honrarias e tudo aquilo que ferisse a sua modéstia e a humildade que era, para ele, como que uma vestimenta, melhor dizendo, como se fosse o seu invólucro natural (2000, p. 12).

Gozando de inteira independência frente às estruturas de poder e de governo, quando se dirigia àquelas instâncias era exclusivamente em prol da defesa dos pobres e das causas justas e elevadas que visavam ao bem comum. À frente de sua paróquia nunca deu prioridade a qualquer ação ou providência administrativa em função do seu bem-estar, mas, sim, em vistas da formação e organização das pessoas em suas comunidades e da vivência de sua fé. A casa paroquial, nada tinha de ostentação ou qualquer outro sinal que contradissesse a sua opção autêntica pelos pobres e pela simplicidade.

#### Imagem 11

Entrada da antiga Casa Paroquial, hoje Memorial Monsenhor Expedito



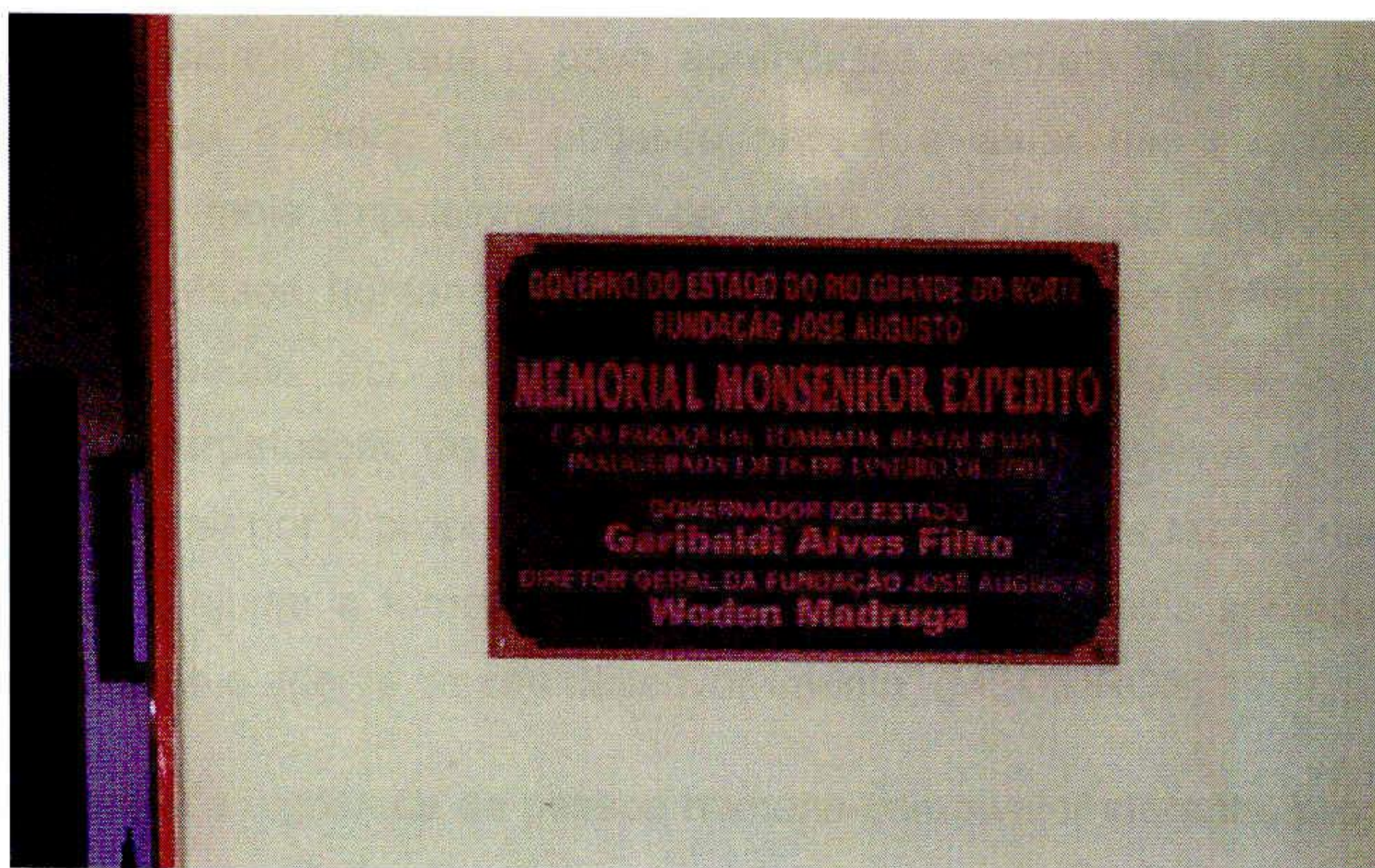
Fonte: Arquivo Pessoal do autor

À entrada de sua residência paroquial sempre esteve posto um filtro de água fornecido pela EMATER e um caneco de alumínio para dar de beber às pessoas que, vindas da zona rural para os dias de feira livre na cidade, ali se dirigiam. Os visitantes eram acolhidos como pessoas de casa, embora nunca se esperasse um banquete, uma vez que o Monsenhor Expedito confiava na providência divina. A casa não dispunha de reservas de dispensa e sua alimentação era frugal. Quando recebia visitas que ali se dirigiam para ter contato com uma referência importante para a compreensão de um momento eclesial então vivido na Igreja do Brasil, marcado pela ascensão das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e pelo "Movimento de Natal", na hora das refeições, a mesa era posta, mas os alimentos eram providencialmente trazidos pelos vizinhos e pessoas atentas aos modos de ser do Monsenhor.

Nos dias atuais grande parte dos objetos pessoais, biblioteca, material de evangelização e formação dos grupos, notícias de jornais, documentários dos eventos e ações pastorais, fotografias, slides e filmagens em vídeo, entre outros pertences, se encontram preservados como parte de todo o acervo histórico e memorial, por força de tombamento da residência paroquial por meio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. O lugar passou a se chamar, a partir do ano de 2001, "Memorial Monsenhor Expedito".

### Imagem 12

Detalhe da placa de inauguração do Memorial Monsenhor Expedito



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Às vezes recebia ajudas como apoio à sua ação pastoral, e elas eram aplicadas em projetos de promoção humana e de formação, sobretudo a catequese nas comunidades de base, os círculos bíblicos e as cartilhas de educação política.

### 3.1 *A promoção da dignidade da pessoa humana pelo zelo pastoral*

Qualquer observador arguto se depara, a todo o momento, com o convite para combater a pobreza. Lutar contra o avanço de tal flagelo tornou-se, no mundo inteiro, meta de governos, ideais de humanistas e até obrigatoriedade de grandes empresas. Muitos se sentem chocados por esses apelos que vêm de todos os lados; alguns se mobilizam minimamente para combater, ou ao menos minimizar, o problema; poucos, entretanto, tomam para si o problema, impregnam-se dele e mobilizam vidas e instâncias para resolvê-lo eficazmente. Mia Couto diz que existem variadas formas de pobreza.

E há, entre todas, uma que escapa às estatísticas e aos indicadores numéricos: é a penúria da nossa reflexão sobre nós mesmos. Falo da dificuldade de nos pensarmos como sujeitos históricos, como lugar de partida e como destino de um sonho (COUTO, 2011, p. 23).

A necessidade de que o povo aprendesse a refletir sobre a própria situação de vida e mais, que pudesse passar a atuar nas relações em sociedade, era mola impulsionadora de todas as ações de promoção da dignidade da pessoa humana que foram arquitetadas e desenvolvidas pelo Monsenhor Expedito Sobral. Ao compreender que o êxito em qualquer situação, e a perpetuação de qualquer bem-estar, só seria possível se o povo pudesse caminhar por si próprio, ele não poupou esforços para fazer o alicerce de seu povo e ajudar a torná-lo digno. Dizia: “Esse povo devia ser educado para ser o sujeito e agente de seu desenvolvimento” (MEDEIROS, 1990, p. 41).

A noção de dignidade da pessoa humana como valor inerente, próprio e determinante da condição de ser humano remonta ao pensamento clássico e

tem origem ideológica no pensamento cristão. É sob a inspiração dos pensamentos estóico e cristão que, na Idade Média, São Tomás de Aquino referiu-se expressamente ao termo *dignitas humana*, pela primeira vez. Ao tratar da questão da imutabilidade do direito natural, Tomás de Aquino reconhecia ser ele mutável, porém, apenas por adição, mediante o reconhecimento de novos direitos fundamentais. Nesse diapasão se inserem as sucessivas declarações dos direitos humanos fundamentais: a francesa, de 1789, e a da ONU, de 1948.

A Igreja Católica Apostólica Romana é uma das instituições que acolheram, desde os primórdios de seus documentos, as questões da promoção da dignidade humana, pois compreende o homem como ser único. Baseados no modelo de caridade de Jesus Cristo, os cristãos são convidados a seguir seus passos de generosidade e amor ao próximo, pois a dignidade é vista como a razão fundamental para Deus ter criado o homem à sua imagem e semelhança.

Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor, que ninguém mais pode dar em seu lugar. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 92).

Foi Immanuel Kant quem definiu o entendimento de que o homem constitui um fim em si mesmo e, então, não pode ser considerado como simples meio. Tal definição tem inspirado o pensamento filosófico e o jurídico, ao longo de muitos anos. A dignidade não pode ser renunciada ou alienada, de tal sorte que não se pode falar na pretensão de uma pessoa de que lhe seja concedida dignidade, posto que o atributo lhe é inerente a partir da própria condição humana. Kant foi o primeiro a reconhecer que, ao homem, não se pode atribuir valor de mercado; ele deve ser considerado como um fim em si mesmo e em função da sua autonomia enquanto ser racional.

A necessidade prática de agir segundo este princípio, isto é, o dever, não assenta em sentimentos, impulsos e inclinações, mas sim somente na relação dos seres racionais entre si, relação essa em que a vontade de um ser racional tem de ser considerada sempre e simultaneamente como legisladora, porque de outra forma não podia pensar-se como fim em si mesmo. A razão relaciona, pois cada máxima da vontade concebida como legisladora universal com todas as outras vontades e com todas as ações para conosco mesmos, e isto não em virtude de qualquer outro móbil prático ou de qualquer vantagem futura, mas em virtude da idéia da dignidade de um ser racional que não obedece a outra lei senão àquela que ele mesmo simultaneamente dá (KANT, 1960, p. 76-77).

A concepção kantiana, vinculada a uma compreensão da dignidade como qualidade insubstituível da pessoa humana é a mais expressiva de sua época, enquanto repúdio às considerações acerca do ser humano que o reduzem a objeto ou coisa. Kant traça uma distinção entre as coisas no mundo que têm preço e as que, em contraposição, têm dignidade, e vale-se do entendimento de que tudo aquilo que está acima de qualquer preço, e sem possibilidade de substituição, é dotado de dignidade. Tudo o que é digno não permite valoração ou substituição.

No reino dos fins tudo tem, ou um preço, ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode-se pôr em vez dela qualquer outra como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e, portanto não permite equivalente, então tem ela dignidade (KANT, 1960, p. 77).

Sendo assim, a dignidade é totalmente inseparável da autonomia para o exercício da razão prática e, por esse motivo, apenas os seres humanos revestem-se de dignidade. O grande legado do pensamento kantiano para a filosofia dos direitos humanos é, contudo, a igualdade na atribuição da dignidade. Na medida em que a liberdade no exercício da razão prática é o único requisito para que um ente se revista de dignidade, e que todos os seres humanos gozam dessa autonomia, tem-se que a condição humana é o suporte fático necessário e suficiente à dignidade, independentemente de qualquer tipo de reconhecimento social. Todo ser humano tem uma dignidade que lhe é

inerente, sendo incondicionada, inegociável, não dependendo de qualquer outro critério, senão ser humano.

A empreitada de promoção da dignidade da pessoa humana a que Monsenhor Expedito se dedicou, tinha como ideal atingir esse homem por inteiro. É preciso, então, formá-lo, desde a base, com a aquisição das mais gerais informações que lhe permitam mobilizar as autoridades para proverem os bens básicos e essenciais à vida, dentre os quais a água potável.

Neste capítulo, os relatos do próprio Monsenhor Expedito são sustentáculo para ser elencada grande parte dos muitos movimentos surgidos de sua incessante busca pela promoção de uma vida digna para as pessoas que, no seu entorno, estavam marcadas por intermitentes injustiças e carências aparentemente irreparáveis. Pessoas que se tornavam invisíveis. “A miséria maior é ser-se invisível para o destino” (COUTO, 2011, p. 116). Foram muitas as frentes de promoção de dignidade, das quais são destacadas as questões relacionadas ao histórico problema climático das secas/enchentes, o despertar religioso e crítico do povo, a educação de base, a incitação à democracia e os movimentos por justiça e direitos do trabalhador rural.

Assim como as adutoras, que são formadas por grandes blocos de canos que se encaixam e atingem os mais longínquos lugares, as frentes de promoção da dignidade do povo encabeçadas por Monsenhor Expedito também se encaixam e revelam a figura de um sacerdote e profeta que soube, na humildade e simplicidade, auxiliar um grande número de pessoas a saírem, por elas próprias, de suas situações de miséria financeira, social, psíquica, trabalhista e religiosa. Como Jesus, que veio para todos, mas preocupou-se, de modo especial, com os “sem voz e sem vez”, o sacerdote dos sertões potiguares lutou em favor dos que periodicamente sofriam as agruras da falta d’água, de informação e de dignidade.

Monsenhor Expedito já havia realizado ações que objetivavam vedar a coisificação do humano nas primeiras paróquias que guiou. Todavia, foi em São Paulo do Potengi que suas ideias inovadoras e originais tiveram lugar. Para ele não era possível aceitar o que os políticos prometiam: a paupérrima

chance de viver em uma condição de miséria melhorada. A miséria é algo que precisa ser deixado para trás, definitivamente, sem retorno, pois não deve pertencer ao humano. Ao contrário, de caráter intrínseco à condição humana é a dignidade.

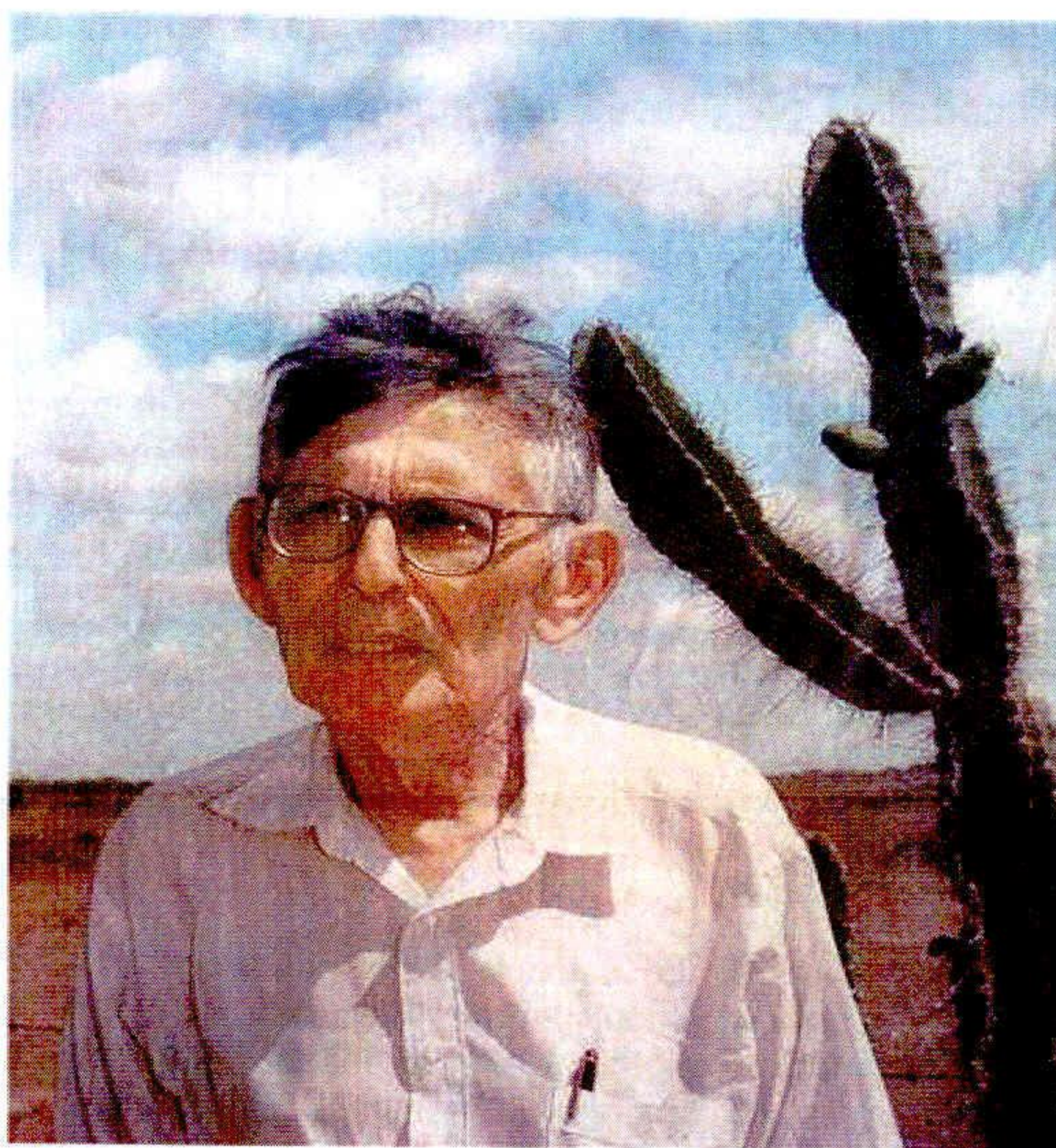
Expedito Sobral de Medeiros era um sujeito que não temia a crise. Caminhava por entre crises das mais diversas naturezas: climáticas, financeiras e sociais, e as assumia para si, buscando formas de transpô-las. É importante que se entenda o que se está chamando de crise. Trata-se de instantes, porções de tempo turbulentos e ruidosos que maximizam, movimentam as pessoas por completo, até que elas se vêm diante de duas possibilidades, como apontado por Morin (2010): sucumbir de uma vez por todas a elas, ou dar a volta por cima por meio da criatividade e da metamorfose. A criatividade anda pareada à crise, pois surge do ruído, da falta e da desordem. Poucos são os que percebem, como fazia o Monsenhor Expedito, essas desordens e carências; como ele, são poucos os capazes de canalizar aqueles ruídos em ação positiva e transformadora.

### 3.1.1 Secas

Monsenhor Expedito nasceu e cresceu em meio às intempéries do clima nordestino; desde muito cedo precisou realizar pequenas migrações, junto com sua família, para buscar melhores condições de vida. A seca, como fenômeno climático, por si só já se constitui em um tipo de crise; entretanto, o problema passou, historicamente, por um agravante que ficou conhecido como “indústria da seca”. Trata-se de manobras desleais de aumento do custo dos alimentos, que culminava na constituição de um círculo vicioso de sujeição, por parte dos pobres, aos donos de terras e, no caso do interior do Rio Grande do Norte, das oligarquias que se revezavam no Poder Executivo local. Essa indústria era a caracterização do aumento da dependência e da esperteza dos chefes políticos que, por ocasião da seca, se locupletavam com as verbas do governo federal, com recursos que, destinados aos pobres, a eles nunca chegavam. “Quando terminava a seca, alguns espertalhões tinham-se enriquecido à custa da

miséria dos desvalidos. Era a amaldiçoada *indústria das secas*” (MEDEIROS, 1990, p. 26). O Monsenhor Expedito sempre se referia, com ênfase, a esse descaso completo em relação ao sofrimento do povo. “Não havia LBA nem assistência organizada. Quando as feiras eram atacadas, aí chegavam as tais ‘comissões’ do governo, por mão dos políticos e dos espertos, dando ensejo à famigerada *indústria das secas*” (MEDEIROS, 1990, p. 11).

Imagem 13  
Itinerância no sertão



Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Nos prolongados períodos de seca, as pessoas precisavam fazer grandes deslocamentos em busca de água. Ao chegarem aos escassos reservatórios, se deparavam com aquele líquido vital à vida, já apodrecido, poluído, impróprio para o consumo. O direito à água potável é um dos mais essenciais na promoção da dignidade humana. O desejo de prover esse tipo de serviço sempre acompanhou o Monsenhor Expedito que descreveu,

minuciosamente, suas experiências com a seca, e a conseqüente falta de água, em sua vida de condutor de rebanhos.

Em 1942, ocorreu uma seca terrível. Aquele povo, poucos anos antes, havia sido dizimado pela malária. Eu já conhecia aquele flagelo do nordeste, na seca de 30 e 32, quando meus pais emigraram para o vale do Ceará Mirim. Mas, não tinha sentido o peso da responsabilidade, vendo os famintos pedindo pão, sem eu saber o que fazer (MEDEIROS, 1990, p. 11).

Com a contribuição dos desmandos que se sucediam nas secas, no que passou a ser chamado de “indústria das secas”, tão ferozmente criticado por Monsenhor Expedito, as pessoas terminavam aqueles ciclos da natureza destituídas de toda e qualquer dignidade, ainda que mínima. Certos donos de terras, ou empresários, instituía, próximo ou dentro das cidades atingidas, lugares de comercialização de alimentos a preços elevados, e as pessoas, na impossibilidade de plantar o que era minimamente necessário para viver, acabavam se sujeitando àquela situação. Suas carências materiais eram absurdas, chegando ao extremo da fome. Percebendo a ação desleal da “indústria das secas”, Padre Expedito, no ano de 1958, decidiu tomar mais uma ousada atitude:

Na seca de 58, a coisa foi diferente. O ‘Centro Social São Paulo’ decidiu competir com o barracão tradicional. Foi criado um posto de abastecimento e lhe demos o nome de ‘Posto do DNOCS’, sem a autorização de ninguém. Conseguimos no escritório local daquele Departamento a metade das folhas semanais de pagamento, em gêneros. Em Natal, Dom Eugênio dava o aval ao comércio grossista. A mercadoria era trazida de graça pelos caminhões da Base Naval e aqui era fornecida a preço de custo. Dentro de um mês o outro barracão fechou! Foi uma vitória! (MEDEIROS, 1990, p. 27).

As tomadas de posição continuavam e, na seca de 1970, quando o praticamente crônico problema da falta d’água potável agravou-se, a saída mais plausível era a construção de cisternas. Disse o então Padre Expedito: “Aumentava o número de cisternas domiciliares de quem podia construir. Mas,

os pobres continuavam a depender das cacimbas do rio, salobras e poluídas” (MEDEIROS, 1990, p. 42).

Imagem 14  
Monsenhor Expedito supervisionando o sistema de cisterna

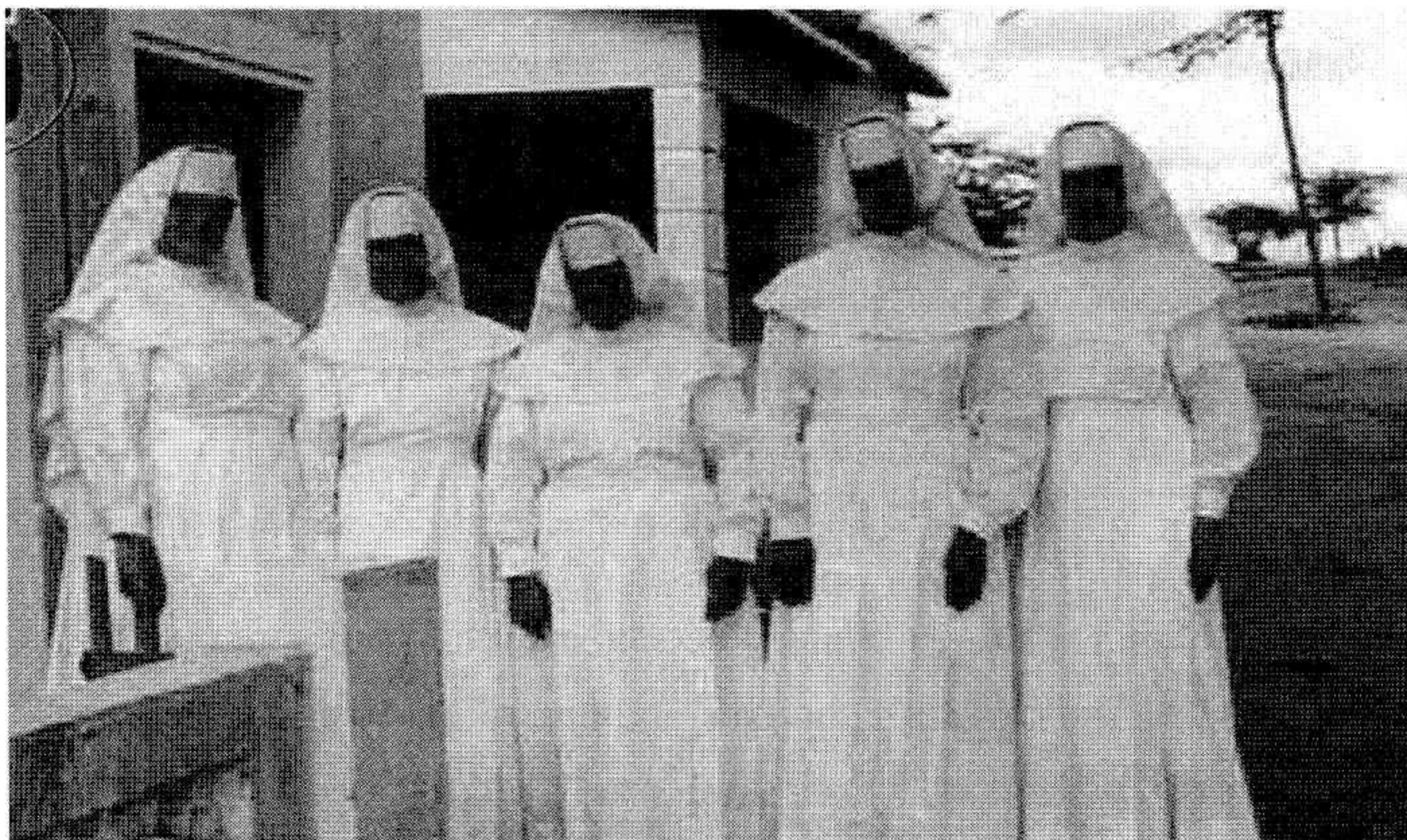


Fonte: <http://www.diariodopotengi.com/2011/06/obras-ampliarao-oferta-de-agua.html>. Acesso em 20/07/2012.

Providencialmente surgiram estratégias que impulsionaram a ação.

Por intermédio da Irmã Natália, a Embaixada dos Cavaleiros da Malta, em Brasília, doou Cr\$ 3.000,00 para a construção de uma cisterna de 330.000 litros. [...] Tempos depois, as Irmãs da Divina Providência, de Curitiba, promoveram a “Campanha do copo d’água”, compraram um caminhão-pipa e doaram à nossa Paróquia (MEDEIROS, 1990, p. 42).

Imagem 15  
Irmãs enviadas a São Paulo do Potengi



Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

Como Jesus, que entrava em todas as casas sem discriminar ou fazer distinções, Monsenhor Expedito adentrava a todas as instituições para mostrar que a virtude cardinal da condição humana é o amor que se traduz em cuidados. Na dura realidade vivida na área em que pastoreava investiu toda sua coragem e influência eclesial para despertar a consciência crítica e mobilizar a sociedade. Queria ver saciada a sede dos sertanejos que esperavam a chuva com ansiedade semelhante à do Povo de Deus no deserto.

### 3.1.2 Assistência social

Monsenhor Expedito viveu o seu profetismo como pároco na Arquidiocese de Natal, de 1939 a 2000. Em 61 anos de vida sacerdotal, notabilizou-se pela sua coerência de vida, pelo testemunho de pobreza e pela sua coragem na defesa dos pobres e sertanejos que, oprimidos pelos coronéis, eram deserdados de políticas públicas de inclusão social. Em um de seus discursos, proclamou que

a Igreja de Jesus Cristo tem um compromisso irrecusável com os que sofrem, os pobres. A Igreja é de todos, mas tem amor preferencial pelos pobres, a exemplo de Jesus. Segundo Santo Irineu, 'a maior glória de Deus é o homem vivo'. É o que chamamos dar testemunho (AZEVEDO, 2000, p. 61-62).

Ser desassistido socialmente, no caso dos pobres e miseráveis, é estar em situação de vulnerabilidade social, portanto, correndo riscos iminentes de rompimento dos laços de convivência familiar, por meio da exploração sexual, da exploração da mão de obra através de trabalhos insalubres, degradantes e penosos, entre várias outras problemáticas.

Monsenhor Expedito menciona acontecimentos de negação da dignidade humana que lhe marcaram profundamente. Um deles aconteceu na seca do ano de 1953. O então Padre Eugênio Sales convidou cinco sacerdotes para realizar visita ao açude público "Pataxó", localizado no município de São Rafael, onde nasceu Expedito Sobral.

Lá chegando pelas 10 horas, vimos um formigueiro humano de cassacos, carregando barro em caminhões e em costas de jumentos. Uma turma nos reconheceu, pois andávamos de batina, e correu ao nosso encontro, debaixo de um juazeiro. Um deles, parecendo ser o líder, foi nos dizendo: "Seu vigário, tire nós dessa escravidão, pelo amor de Deus!" (MEDEIROS, 1990, p. 26).

Essa declaração desesperada levou Expedito a uma reflexão sobre o problema, seguida de socialização junto ao clero. O que se tomou como providência foi ser iniciada, em caráter de urgência, uma "campanha da caridade", por ele considerada "tímida", mas que movimentou toda a diocese.

No livro São Paulo do Potengi, escrito pelo Padre José Marins, está registrada outra grave situação de vulnerabilidade social que impulsionou o Monsenhor Expedito à ação.

Esteve aqui uma prostituta trazendo a jovem que pela manhã apareceu em sua casa. Disse-me ela: - "O Sr. sabe, esta criatura não pode ficar na minha casa. É moça. Precisamos arranjar algum lugar onde possa morar. Naquele ambiente lá de casa é que ela não vai ficar".

- Quem era?

- A pobre criatura contou-me sua história. Saíra de sua casa aos doze anos, para ser artista de circo – trapezista. Depois o pai não mais a quis de volta. Estava aos quinze anos, sem família, sem circo, sem ninguém por ela. Por duas vezes intentara beber veneno.

Mons. compreendeu a misericordiosa caridade da prostituta, que desejara fazer bem à jovem desamparada. Escreveu uma carta ao pai da menina e providenciou para que a equipe feminina da paróquia a acolhesse, conseguisse uma passagem de volta e orientasse aquela pobre criatura. Uma assistente social assumiu o caso.

- Escrevi ao pai dela, referiu-me mais tarde Mons., como S. Paulo agiu a respeito de Onésimo... – Recebe sua filha! É uma miserável sozinha no meio do mundo. Já está meio “biruta” pelo sofrimento (MARINS, 1965, p. 30).

Nas suas estratégias de assistência social, o Padre Expedito construiu, junto com os fiéis, o Centro Social de São Paulo do Potengi, ao qual a população recorreria na busca de resolução para as mais variadas situações.

A fim de trabalhar sem destoar das perspectivas da assistência social em nível estadual e nacional, os profissionais que atuavam no Centro Social mantinham interlocução com a Escola de Serviço Social, do Padre Nivaldo Monte, que foi colega de seminário do Padre Expedito. Em outras palavras, em meados do século XX, a ação social de Padre Expedito já trabalhava de forma articulada com várias instâncias, o que ainda hoje é uma das principais metas da assistência social no Brasil, o que, por sua vez, é modelo para o mundo inteiro. Entretanto, a constituição de uma rede socioassistencial ainda é, nos dias atuais, mais o ideal do que uma realidade.

Estávamos contentes com o que fazíamos: escola de comércio, banda de música, esporte, semana ruralista, início das escolas radiofônicas, “missão rural” numa caminhonete do SAR, com médico, dentista, agrônomo e assistente social (MEDEIROS, 1990, p. 23).

Eis aí outra antecipação que só se deu graças à leitura do entorno e dos problemas que ele sabia fazer. A promoção de caravanas ou verdadeiros mutirões de promoção da dignidade é algo posto em prática por grandes

instituições, governamentais e privadas, nos dias atuais, tendo em vista as obrigatoriedades que figuram com o nome de “responsabilidade social”.

### 3.1.3 Assistência de saúde

São Paulo do Potengi estava, oficial e literalmente, iniciando sua caminhada como uma cidade propriamente dita. Tudo estava por começar. A graça de terem recebido o Padre Expedito como primeiro vigário foi decisiva para a constituição das frentes de desenvolvimento comunitário e promoção da dignidade humana entre aquelas pessoas que ainda se viam em zonas de indeterminação.

A “Maternidade Francisquinha Fonseca” era exemplo de trabalho comunitário. Com uma parteira e oito leitos, era mantida por quatro grupos de famílias do “Clube de Mães” que, em rodízio, atendiam as parturientes pobres, com refeição. A população vinha sendo atendida pelos práticos Alcides Varela, de Macaíba, e Manuel Guedes, de São Tomé; pelos práticos de dentista: João Antunes e José Antônio. [...] Completavam o quadro médico, as parteiras curiosas Mãe Flora e Comadre Mariana (MEDEIROS, 1990, p. 23).

Todos os profissionais, em sua maioria recém-formados, especialmente na área de saúde, possuíam algum laço que os levava a São Paulo do Potengi: eram convidados pelo Padre Expedito para se agregarem às lutas em defesa do povo. Na primeira conversa já lhes era dito que a única coisa que se poderia oferecer era “boa vontade e uma sala nas condições de atender os pobres mediante uma ficha do Centro Social” (MEDEIROS, 1990, p. 24).

Outra originalidade é que o Monsenhor Expedito e seus colaboradores, que também eram seus fiéis na Igreja, naquela época já trabalhavam nos moldes que as cooperativas tentam trabalhar atualmente. A população se organizava, participava do processo com funções pré-definidas, voltadas para a totalidade dos problemas.

### 3.1.4 Educação e evangelização de base

Monsenhor Expedito conduzia eticamente sua paróquia e lidava com seus compromissos eclesiais de maneira perpendicular às ações comunitárias; entretanto, faltava unir substancialmente as duas coisas. A participação na Ação Católica, através da Juventude Agrária Católica (JAC) que legitimou o método “ver, julgar e agir” lhe dava uma visão do Plano de Deus, na qual estava evidenciado o campo específico dos leigos nas necessárias transformações da sociedade; ela ajudava a corrigir uma visão dualista e clericalista do mundo (MEDEIROS, 1990). Muitos dentre os leigos que tinham representatividade na vida da sociedade do seu tempo, eram jovens de bem que, em seu desenvolvimento humano e em sua formação cristã, iam adquirindo tal representatividade exatamente através do engajamento na vida da paróquia. Eles eram vistos, então, como novas lideranças que despontavam em meio a um processo de desenvolvimento social que, por sua vez, se verificava como fruto da ação pastoral da Igreja nos anos 50, quando se começou a falar em “pastoral social”.

Animado pelo ritmo renovador que se instituía com a adoção do método “ver, julgar e agir”, o Monsenhor Expedito dedicou parte de seu atribulado tempo a leituras que, finalmente, lhe proporcionaram “ligar a fé com a vida”, como ele próprio dizia. Até então, “achava difícil encontrar o apelo de Deus nos fatos e situações da pessoa e da sociedade. Aquele trabalho com jovens me tornou mais humano, mais compreensivo, mais humilde, menos autoritário” (MEDEIROS, 1990, p. 25). “A autoridade na Igreja é um serviço de amor e, por isso mesmo, difícil de exercer” (MEDEIROS, 1990, p. 26).

A realização de atividades de campo, as chamadas excursões exploratórias, inicialmente lideradas pelo Cônego Eugênio Sales, eram consideradas, por Padre Expedito, imprescindíveis para que fosse possível um aprendizado que melhor se consolidaria pela experimentação e conhecimento *in loco*.

Além da visitação à usina hidroelétrica de Paulo Afonso, ao sistema irrigatório do açude São Gonçalo, em Souza, na Paraíba, as excursões chegaram a Juazeiro do Norte com o intuito de “observar aquele fenômeno de religiosidade popular, o que, aliás, me serviu bastante para deixar certos preconceitos” (MEDEIROS, 1990, p. 29-30).

Em seguida vieram as Comunidades Eclesiais de Base, as conhecidas CEB's, que organizavam atividades litúrgicas junto aos leigos que, aos poucos, tornavam-se cada vez mais atuantes. “Em pouco tempo já contávamos com 32 comunidades” (MEDEIROS, 1990, p. 33). “A paróquia contava, então, com gente capacitada para a evangelização, nas comunidades eclesiais de base. Foi uma época de intensa movimentação, que fazia eco no plano nacional” (MEDEIROS, 1990, p. 34).

Em um momento histórico no qual, na mídia, o discurso comum era o de penalização do nordestino; momento em que o coitadismo emanava como mensagem balbuciada secamente entre os dentes nas artes, como na pintura (*Retirantes*, de Candido Portinari), na música (*Funeral de um lavrador*, de Chico Buarque) e na literatura (*Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos), a Igreja Católica do Brasil timidamente fazia ecoar o discurso do arregaçar as mangas e trabalhar junto com o povo. Monsenhor Expedito foi um dos que mais contribuíram para que aqueles discurso e ação ganhassem força. Contemporaneamente a personalidades sacerdotais como Dom Helder Pessoa Camara e Dom Eugênio de Araújo Sales, o ainda padre Expedito assumiu, para si, uma verdadeira missão contra os que bloqueavam a dignificação do humano, ou melhor, contra aqueles que negavam a todos os homens e mulheres seus direitos mais fundamentais e primeiros como a alimentação, a vestimenta, a moradia e a higiene. Mas sua luta não se restringia e, muito menos, contentava-se com as primeiras carências. Era necessário ensinar o povo a votar, a trabalhar e receber dignamente pela oferta de sua mão de obra, a construir, estudar e, por fim, sair do estado de alienação, que é a miséria total do homem.

A educação precisava ser mais efetiva. Deveria chegar a um número maior de pessoas. O rádio era o grande meio de comunicação da época.

Assim, as escolas radiofônicas representaram um marco no ensino à distância no Rio Grande do Norte.

Dom Eugênio, já bispo auxiliar de Natal, com seu pioneirismo, trouxe para cá a experiência das escolas radiofônicas da Colômbia. A turma arregaçou as mangas e, dentro de dois anos, tínhamos nesta paróquia 146 escolas pelo rádio. Os monitores recebiam treinamento e orientação pelo SAR, inclusive catequese e missa radiofônica. Essa experiência se propagou pelas dioceses, em convênio com o Ministério da Educação, formando o benemérito Movimento de Educação de Base (MEB). (MEDEIROS, 1990, p. 29).

“Entrementes, a Escola de Comércio da comunidade já funcionava em prédio próprio” (p. 29). Monsenhor Expedito estava convencido de que este era o caminho certo: o homem tinha de caminhar com seus pés, mesmo que seus passos iniciais fossem amparados pela mão da Igreja (p. 32).

### 3.1.5 Campo: assistência rural

Monsenhor Expedito também instituía parceria com órgãos de fomento para assistência rural.

Nossa Paróquia recebia orientação e incentivo do SAR e participava ativamente nos seus programas de educação comunitária. Em convênio com o Serviço de Informação Agrícola (SIA) do Ministério da Agricultura, foi possível realizar três semanas ruralistas em Jundiá, Caicó e Pau dos Ferros, cobrindo as três dioceses, Natal, Mossoró e Caicó, numa tímida pastoral em conjunto. Nossa Paróquia esteve presente em todas elas, como também na execução de um Convênio de Fomento Agrícola com o SAR, distribuindo aos agricultores 150.000 mudas de algaroba e arborizando a cidade, cada família cuidando de sua árvore (MEDEIROS, 1990, p. 24).

Aquele era o momento histórico de emergência dos sindicatos dos trabalhadores rurais, lugares de capacitação e suporte ao agricultor que, neles, buscava uma aposentadoria, um conhecimento das variadas técnicas de plantio, entre outras necessidades.

Numa das reuniões do clero com Dom Eugênio, foi discutida a sugestão da criação dos sindicatos rurais. Eu e padre Antônio Vilela Dantas, de Serra Caiada, não esperamos mais por ninguém, e começamos os sindicatos, daqui e de lá, em novembro de 60 (MEDEIROS, 1990, p. 32).

### 3.1.6 Voto não alienado

Com base nas discussões, em nível nacional, da recém-criada Liga Eleitoral Católica (LEC), registrou:

Recebi uma circular do bispo para ser lida nas missas, pedindo aos eleitores católicos assinarem compromisso de só votarem em candidatos que defendessem as exigências mínimas, na constituinte de 46. Os chefes políticos locais ficaram alvoroçados e brabos comigo. Não dei ouvidos (MEDEIROS, 1990, p. 19).

Por meio da “Pastoral Libertadora” o Padre Expedito assumiu, de uma vez por todas, a tarefa de ensinar o povo a fazer escolhas conscientes dos governantes. Ele sabia o grande desafio que tinha pela frente, visto que se tratava de um povo que vivia, há décadas, imerso em uma situação de “curral eleitoral”, comandado pelos chamados coronéis, ou seja, homens de posses pertencentes a oligarquias que se revezavam no comando dos municípios do Rio Grande do Norte. Por serem detentores das grandes porções de terras, sujeitavam os pretensos eleitores às suas “indicações” de voto em troca de favores, como o empréstimo ou arrendamento de terras para o trabalho e a subsistência.

Na década de 1960,

os 3 bispos do Rio Grande do Norte publicaram uma circular, creio que pioneira, sobre as eleições, chamando a atenção dos cristãos sobre o valor da política para o bem comum, e denunciavam os vícios e crimes praticados pelos grupos econômicos (MEDEIROS, 1990, p. 39).

A princípio não houve efetividade, dada a conjuntura imediatista na qual a população se encontrava; porém, aos poucos, o Monsenhor Expedito e os leigos, que são parte ativa da comunidade, começaram a planejar e executar formas de atingir o entendimento do povo. Era preciso falar a sua língua para que ele se tornasse capaz de refletir sobre sua própria situação de miséria e, assim, reagir.

Imagem 16  
Lições de cidadania



Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

A campanha adotada pela Igreja no Rio Grande do Norte, cujo lema era “voto não se vende, consciência não se compra” (MEDEIROS, 1990, p. 39), foi o pontapé inicial para o início da preparação de uma série de materiais que refletiam uma preocupação pertinente. O conhecimento pertinente, no dizer de Edgar Morin, é aquele dotado de sentido em relação ao meio, que “apreende os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (2010, p.12). Esse exercício, ainda de acordo com Morin, é uma aptidão natural do espírito humano que evidencia o contexto, o global, o multidimensional e o complexo.

“O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido” (MORIN, 2010, p. 34).

Já havia anos que eu me convencera de que muita coisa que a gente ensinava não era compreendida por parte do povo, que tinha outra cultura. Um dia, Zé Preto me disse: “A gente compreende tudo o que o senhor ensina, porque o senhor fala a língua da gente. O senhor não ensina nada errado”. Eu descia até as raias do vulgar, contanto que ficasse claro (MEDEIROS, 1990, p. 41).

“Traduzíamos em linguagem popular” todos os documentos que provinham da diocese, da CNBB e até do Vaticano. As formas de anúncio e demonstração utilizavam-se de instrumentos pedagógicos igualmente pertinentes, como emboladas, versos e poemas; fazia-se, também, a inclusão de tecnologias então inovadoras na educação, como os projetores, o conhecido “cineminha do padre” (MEDEIROS, 1990, p. 41).

Iniciamos aqui em 72 a campanha de educação da consciência política, com uma cartilha, logo assumida pelo SAR, com o título “É tempo de política”. O lançamento da cartilha foi feito aqui, na Festa do Agricultor, que celebramos, anualmente. Convidamos juízes do Tribunal Regional Eleitoral para explicar a Lei Eleitoral a toda a população. Foi um dia memorável! Os agentes de pastoral voltaram para suas comunidades, confiantes, pois se tratava de coisa séria e da parte dos homens da lei (MEDEIROS, 1990, p. 41-42).

“Foi assim que a Festa do Agricultor se tornou, todos os anos, um momento forte de educação do povo. O exemplo desse trabalho passou, de repente, para outras dioceses e, em poucos anos, estava em todo o Brasil” (MEDEIROS, 1990, p. 42). Como toda ação bem sucedida, as manifestações celebrativas de cunho rural começaram a ser parte integrante da vida das paróquias, obviamente adaptadas às suas realidades e singularidades pastorais.

Imagem 17  
Festa do Agricultor



Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

“Desde 68, depois da Conferência de Medellín, vários bispos me chamavam para contar essas experiências aos padres. Viajei muito” (MEDEIROS, 1990, p. 43).

Nunca me desanimei por não ver o resultado do que foi plantado. Eu sei que o crescimento do reino de Deus é misterioso: está entre a graça de Deus e a liberdade humana e não é a mesma coisa que crescimento social ou econômico (MEDEIROS, 1990, p. 44-45).

Sabe-se que qualquer resultado de um trabalho de formação ou educação dificilmente é vislumbrado de imediato. Educar é muito mais lançar sementes, como na parábola do semeador, narrada em Mateus, capítulo 13:

Eis que o semeador saiu a semear e quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram. E outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra: e logo nasceu, porque não tinha terra profunda; mas, saindo o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou-se. E outra caiu entre espinhos; e os espinhos

creceram e a sufocaram. Mas outra caiu em boa terra, e dava fruto, um a cem, outro a sessenta e outro a trinta por um. (Mt 13, 3-8).

Muitos, talvez a maioria dos que recebem as informações, são como o primeiro solo, não conseguem sequer absorvê-las. Estão sempre “à beira do caminho”. Outra considerável parcela é o segundo solo. Recebe as informações, mas não as consolida em conhecimento, pois estão dispersas em solos pedregosos, “não têm raiz em si mesmo” (Mt 13, 21). Há pessoas que consolidam conhecimento, entretanto não conseguem vivê-lo na presença ou a serviço do outro, muito menos dele fazem uso para tornar melhor a sua própria vida. Elas mesmas criam os espinhos que as sufocarão. Alguns poucos se fazem solo fértil. Esses não apenas transformaram a informação em conhecimento, como se tornam multiplicadores, retendo para si aprendizados essenciais que os conduzem à sabedoria.

Neste trabalho, entende-se sabedoria como um

jeito de viver e sentir do pensamento; uma maneira de falar do mundo que associa simplicidade e sentimento de parentesco, coragem e afeto, vontade de verdade e consciência da incompletude e do erro. [...] maior, mais plena, mais essencial e duradoura... (ALMEIDA, 2007, p. 11).

Monsenhor Expedito a possuía, não como exercício de retórica, mas na demonstração de gestos simples, porém transformadores, verdadeiras chaves emancipadoras para os que com ele compartilhavam vida.

Monsenhor Expedito, depois de longa caminhada sacerdotal, ganhou da imprensa local o apelido de “profeta das águas”. A alcunha não é mera retórica, pois está ligada à inauguração de adutoras, das quais uma, inclusive, leva o seu nome. A denominação “profeta das águas” tem a ver com a antecipação daquele homem que, sem deixar de ser sacerdote, saiu em peregrinação por entre domínios políticos e sociais, para buscar alternativas de solução ou minimização do problema histórico da falta de água no sertão potiguar. É emblemático registrar uma postura que o Monsenhor Expedito adotava nas

reuniões em que, com autoridades, tratava de projetos ambiciosos sobre alternativas de combate às secas. As reuniões geralmente contavam com a presença de bispos, deputados estaduais e federais, além de prefeitos, vereadores e técnicos. Ao iniciar os trabalhos todos se submetiam a uma cláusula proposta por ele. Durante todo o tempo de duração das reuniões, nenhum copo de água era servido a ninguém. A medida tinha como finalidade, concretamente, chamar a atenção para a real situação em que o povo se encontrava quanto ao seu abastecimento diante das condições de calamidade, quando tinha que se submeter à péssima qualidade da água captada nos barreiros da região, de coloração barrenta e salobra.

Foi possível realizar muita coisa, com a ajuda espontânea do povo, sem nenhum prejuízo para minha missão estritamente religiosa. Eu mesmo me considerava feliz e realizado, pois, naquela época, já se dizia que isso fazia parte da missão supletiva da Igreja, quer dizer, a Igreja supria com sua ação social aonde o poder público não chegava ou se omitia (MEDEIROS, 1990, p. 28).

Leitor do tempo, homem que conseguia ver o escuro na luz, conseguia também ver a água na seca. O Monsenhor Expedito não era um sujeito facilmente enquadrável em alguma tipologia ideal. Era movido pelos apelos do povo, a partir do contato com ele, o que lhe era facilitado pela condição de sacerdote enviado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Agia com ferramentas que extrapolavam os domínios da Igreja; porém, sem nunca negá-la, ao contrário, defendendo-a.

Conforme o relato de Aluísio Azevedo, na obra “Monsenhor Expedito: o profeta das águas” (2000, p. 63):

Primeiro assunto para tratar do ambicioso projeto realizou-se na cidade de Santa Cruz, com a presença de três bispos, deputados estaduais, bancada federal, além de prefeitos, vereadores e técnicos. O padre da respectiva cidade e outros mais das cidades vizinhas. Tratava-se de uma mobilização pra valer, séria e objetiva.

### Imagem 18 Organização do povo



Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>.  
Acesso em 20/07/2012.

A cada dois meses a mesma reunião se realizava em outra cidade: São Tomé, João Câmara, Lajes, Caicó e Mossoró. Santa Cruz era a cidade símbolo para o lançamento da Campanha pelas Aduoras. Centro polarizador da região do Cariri – abastecida precariamente pelo açude do mesmo nome: o Açude Santa Cruz – o qual já havia se rompido pelas grandes cheias do Trairi no ano de 1984, ano de muitas chuvas, de “inverno excessivo”, desde a barragem Armando Ribeiro Gonçalves, no rio Açu, no RN, cuja capacidade de dois bilhões e quatrocentos milhões de metros cúbicos de água, sangrou com toda carga, causando grandes inundações em todas as cidades do baixo-Açu, sendo parte de sua área urbana devastada pelas águas, que levaram não somente considerável parte da cidade, como também danificaram algumas torres da transmissão da CHESF.

Aquele acidente impôs, a todo o estado do Rio Grande do Norte, um colapso total no fornecimento de energia. Todo o estado ficou às escuras por seis dias, o tempo necessário para os devidos reparos nas linhas de transmissão da CHESF, localizadas no município de Santa Cruz. A situação foi

caótica e de calamidade pública: os hospitais foram praticamente fechados, por causa da falta de energia elétrica, o que suscitou vários gestos de solidariedade da sociedade brasileira, incluindo-se aí a ação do Governo de São Paulo, tendo à frente o então governador, Paulo Maluf, que enviou alguns geradores para suprir a energia elétrica nos principais hospitais da capital.

Alguém um dia me perguntou: que povo tão falado é esse? Eu respondi que é o povo das feiras, o povo das procissões e romarias, o povo que enche nossas igrejas, o povo de Deus, o povo que é discriminado por ser pobre, negro ou índio, mas que é possuidor de um potencial espiritual invejável e percebe as coisas de Deus. [...] Sem excluir ninguém, é o povo que eu quero bem, o povo de mulher séria e de homem trabalhador, que se levanta no piar dos passarinhos e vai até o sol se por, para não faltar o pão de cada dia, sem tirar o pensamento no Pai verdadeiro. O povo cuja cultura aprecio e incentivo: violeiro, embolador de coco, boi de reis, João Redondo, onde o mais fraco sai vitorioso, revelando o desejo incontido de mudar sua situação de miséria (MEDEIROS, 1990, p. 45).

Este relato é de um homem apaixonado por seu povo, que o conhecia a fundo, uma vez que ia a todos os recantos de sua área pastoral. Encantava-se com a vida que, teimosamente floresce, mesmo quando são adversas as condições. “Como é linda a festa do Povo consciente, que não louva pessoas no culto da personalidade, tão ao gosto do mundo, mas louvando a Deus, pede perdão dos desencontros, se reconcilia e se reencontra com os irmãos” (MEDEIROS, 1990, p. 51).

A citação supracitada foi proferida pelo Monsenhor por ocasião do jubileu de sua vida sacerdotal, celebrado em sua paróquia, em São Paulo do Potengi. Naquele mesmo período decidiu atualizar seu testamento, que já havia sido iniciado no ano de 1997; no recolhimento de sua humildade e despojamento, escreveu: “desejaria de todo coração não ter nada de que dispor, ao menos nisso me assemelharia a Nosso Senhor Jesus Cristo” (*apud* QUEIROZ; BATISTA, 2000, p. 99).

#### 4 PROFETA DAS ÁGUAS: ramificações de fé, esperança e caridade

Nos capítulos anteriores, a trajetória de vida do Monsenhor Expedito foi metaforizada com o movimento, a correnteza e os afluentes de um rio. Da mesma forma que o rio entrecorta paisagens, fez-se a alusão de que o Monsenhor, desde seus primeiros tempos de atuação, deixou fortes marcas na vida de grande número de pessoas e entrecortou a história local. Todo rio tem um contexto, ou seja, está inserido em um ecossistema que, não apenas carece de suas águas, como lhe faz permanecer corrente e lhe mantém vivo.

Desde as origens do cosmos e, por consequência, da humanidade, conforme o livro do Gênesis 1, a água é o princípio fundamental, o elemento chave para a existência da vida em suas mais diversas formas. É na água que o caos torna-se cosmos; onde tudo se reorganiza e ressurge dotado de vida nova.

Na Bíblia judaica, o Gênesis fala da água original agitada pelo Sopro divino (cf. Gn 1,1-2). Neste caso, o nome hebraico para o abismo é *tohú-wa-bohú*, cuja pronúncia sugere o bramido das águas originais, com seus profundos turbilhões. Também a travessia de Israel pelo Mar dos Juncos é vista como renascimento do povo eleito. Experiência prefigurada no nome de Moisés; em hebraico *Moshe* = salvo das águas (derivado do hebraico *maim*, águas: cf. Êx 2 e 14). Nas Escrituras cristãs, Pedro diz que “existiram outrora céus e terra, esta tirada da água, e estabelecida no meio da água pela Palavra de Deus” (2Pd 3,5). (MAÇANEIRO, 2012).

A importância da água como elemento do sagrado, não se restringe ao domínio das religiões judaico-cristãs. A água normalmente integra o misticismo do fenômeno religioso de múltiplas formas. No hinduísmo, o Rio Ganges é local de purificação do espírito, de manifestação do sagrado e de execução de práticas transcendentais; as narrativas do Egito Antigo estão sempre envoltas na descrição das cheias e secas do Rio Nilo e a oscilação entre o tempo de bonança e o de fome; para o cristianismo o Rio Jordão é o lugar do batismo do próprio autor do batismo, Jesus Cristo, e o lugar da penitência e da conversão; a narrativa milagrosa de aparição da imagem da Santa Padroeira do Brasil,

Nossa Senhora Aparecida, trata do resgate desta por pescadores, do fundo do Rio Paraíba, no estado de São Paulo; a Padroeira de Natal, sob o título de Nossa Senhora da Apresentação, foi encontrada, em 21 de novembro de 1753, por pescadores nas águas do Rio Potengi, dentro de um caixote com a seguinte descrição: “onde essa imagem parar, nenhuma desgraça acontecerá”. (Disponível em: <http://www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/padroeiraarq.htm>. Acesso em: 17/08/2012).

A água que traz sinais de purificação e salvação na história das religiões, torna-se um bem ainda mais precioso para pessoas que são acometidas por sua escassez. No sertão potiguar, onde viveu e atuou o Monsenhor Expedito, a constante busca por esse líquido, origina crenças, simpatias, preces e devoções através das quais os sertanejos depositam sua fé em Deus e numa liderança, em um novo Moisés que os ajude a atravessar as agruras da vida e irrigar esperança no solo do cotidiano; que seja sacerdote e profeta.

O Monsenhor Expedito Sobral, figura que conciliou o sacerdote e o profeta, iniciou sua missão e seu processo de mudanças de vidas a partir de sua fidelidade à Igreja Católica Apostólica Romana. Sua formação e sua batina eram, ao mesmo tempo, escudo e pertencimento a uma instituição da qual ele era ferrenho defensor, na qual tinha voz ativa e a partir da qual propunha e concretizava novos jeitos de atuar.

Atento aos ensinamentos do Apóstolo Paulo aos cristãos da Igreja de Corinto, quando alertava sobre a necessidade imperiosa de conjugar fé, esperança e caridade, o Monsenhor Expedito fundamentava-se no Evangelho para aquecer a fé e não desanimar frente às dificuldades. Alimentava-se da esperança para irrigar o solo do humanismo afeito ao cultivo da dignidade, carregando consigo a convicção fundamental da caridade.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de

maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.

Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;

Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá;

Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos;

Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado.

Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.

Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor (1 Cor 13, 1-13).

Fiel a esses princípios, o Monsenhor Expedito foi bater à porta dos gabinetes dos políticos e dos centros de pesquisa, onde conversou com os homens da ciência, porque sabia que um padre deve ser amplificador dos gritos do seu povo. Para fazer ecoar o pedido do cassaco, a quem chamou de Zé Nordestino – “seu vigário, tire nós dessa escravidão, pelo amor de Deus” – o Monsenhor Expedito lutou toda sua vida.

#### 4.1 *Quando a fé “move montanhas”*

Como se procurou demonstrar neste trabalho, a detecção da falta de água era um dos principais motivadores que desencadeavam as ações do Monsenhor Expedito Sobral. O projeto das adutoras era uma das suas

ambições mais acalentadas; por ele, fez uma verdadeira peregrinação até que o Estado consolidasse o seu desejo.

O Programa de Recursos Hídricos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte é o universo maior no qual está inserido o programa das adutoras, considerado o maior do Brasil, pois leva água potável a mais de 853 mil pessoas. No período anterior de instalação das adutoras, as pessoas locomoviam-se a pé por grandes distâncias, com recipientes nas mãos e na cabeça, ou ainda utilizando-se de animais para transportar água para suas residências.

O Programa das adutoras rendeu, entre muitos benefícios para a população, a honraria do Prêmio Internacional Iberdrola, em 2000, na Espanha, quando foi escolhido entre 100 outros projetos hídricos de todo o mundo. E mais, recentemente o censo do IBGE atestou que o Rio Grande do Norte é o estado brasileiro que melhor distribui água para a população.

1000 quilômetros de canos cortam todo o Estado. De norte a sul, oito adutoras levam água para milhares de pessoas nos mais distantes municípios. As adutoras mostraram-se imprescindíveis, amenizando inclusive os problemas ocasionados pelas secas, fenômenos irregulares que tanto prejudicam e maltratam o povo nordestino. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj\\_hidrico.asp](http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj_hidrico.asp). Acesso em: 08/08/2012.

O Programa é dividido da seguinte maneira:

<b>ADUTORA</b>	<b>EXTENSÃO</b>	<b>BENEFICIADOS</b>
<b>Aristófanés Fernandes</b>	41,9 km	10.168 pessoas
<b>Jerônimo Rosado</b>	123,4 km	254.477 pessoas
<b>Manoel Torres</b>	46,3 km	55.990 pessoas
<b>Arnóbio Abreu</b>	150,5 km	34.400 pessoas
<b>Aluízio Alves</b>	204,2 km	40.179 pessoas
<b>Rodolfo Fernandes</b>	15 km	4.160 pessoas
<b>Jardim do Seridó</b>	44,1 km	12.352 pessoas
<b>Monsenhor Expedito</b>	330,7 km	240.000 pessoas

Fonte: [http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj\\_hidrico.asp](http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj_hidrico.asp).

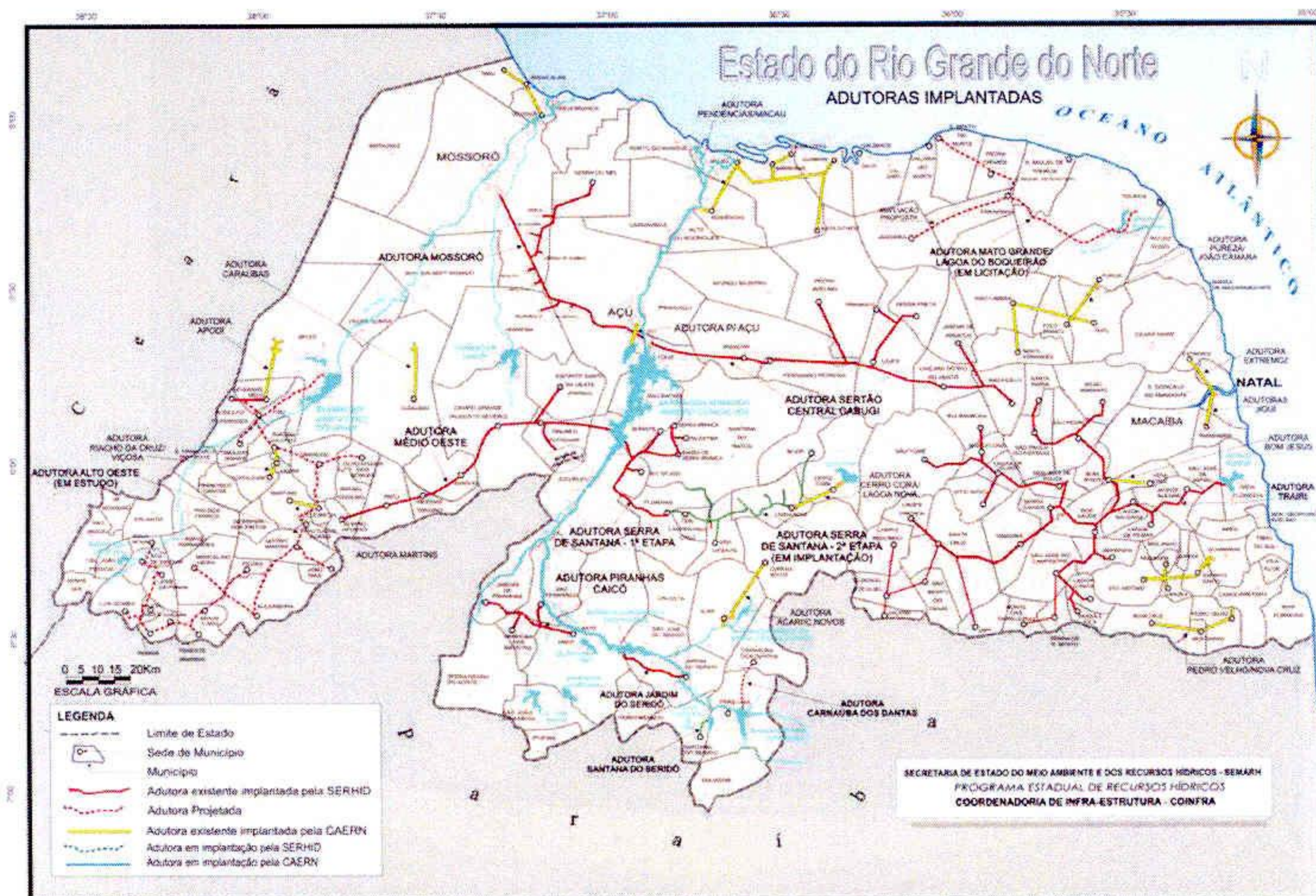
O projeto inicial da adutora Monsenhor Expedito, no governo de Garibaldi Alves Filho, visava atender a 20 municípios e 28 comunidades rurais. Atualmente, após ampliações realizadas nos governos subsequentes, a adutora fornece água para 30 municípios e 271 comunidades rurais. Os municípios são: Lagoa de Pedras, Lagoa Salgada, Boa Saúde, Serrinha, São José de Campestre, Lagoa D'Antas, Passa e Fica, Serra Caiada, Senador Elói de Souza, Tangará, Santa Cruz, Bom Jesus, São Pedro do Potengi, Ielmo Marinho, São Paulo do Potengi, Santa Maria, Lagoa de Velhos, Barcelona, Rui Barbosa, São Tomé, Sítio Novo, Lajes Pintadas, Jaçanã, Campo Redondo, Coronel Ezequiel, Serra de São Bento, Monte das Gameleiras, Monte Alegre, Japí, São Bento do Trairi e comunidades rurais.

A capacidade de fornecimento esperada no projeto atual é de 900 mil litros de água por hora, o que requereu a perfuração de mais 12 poços tubulares, para além dos 07 iniciais, perfurados nas proximidades da Lagoa do Bonfim, no município de São José de Mipibú, localizado na grande Natal. Ao longo das tubulações, ainda existe um estação elevatória de água bruta e casas para operação dos poços e subadutoras.

Os doze novos poços levarão água por subadutoras até a Estação Elevatória de Água Bruta. Desta estação por meio de adutora a água chegará até a Estação Elevatória 1, que fica próximo à Lagoa do Bonfim. Deste ponto ela é distribuída às cidades beneficiadas pela adutora. Disponível em: <http://www.m.gov.br/imprensa/noticias/caern-realiza-diagnostico-socio-economico-das-adutoras-do-rio-grande-do-norte/10556/>. Acesso em: 19/08/2012.

As águas de todas as adutoras são monitoradas pela Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte (CAERN) que afere testes de qualidade da água, quantificação junto às residências por meio da instalação de hidrômetros e monitoração das tubulações, entre outras ações.

Imagem 19  
Mapa de distribuição das adutoras no estado do Rio Grande do Norte



Fonte: [http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio\\_economicos/arquivos/anuario2009/mapas/ADUTORAS\\_2007.png](http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/arquivos/anuario2009/mapas/ADUTORAS_2007.png). Acesso em: 08/08/2012.

Os últimos anos da vida do Monsenhor Expedito foram coroados pelo grande êxito obtido em sua memorável campanha pelas adutoras do estado do Rio Grande do Norte. Aquele projeto foi a culminância de todas as ações, providências e programas anteriormente aplicados no enfrentamento às secas – atualmente ações de convivência com a seca –, desde os “famigerados barracões nas mãos dos coronéis ou de espertalhões exploradores do povo”, às frentes de trabalho para a construção de açudes ou estradas, às invasões das feiras livres e de armazéns do comércio local, aos programas ou intervenções, normalmente corruptas, do DNOCS. Tudo isso, pelo menos em relação à área de abrangência das adutoras, viria a ser superado e suplantado com aquele programa.

Imagem 20  
Monumento à Adutora Monsenhor Expedito

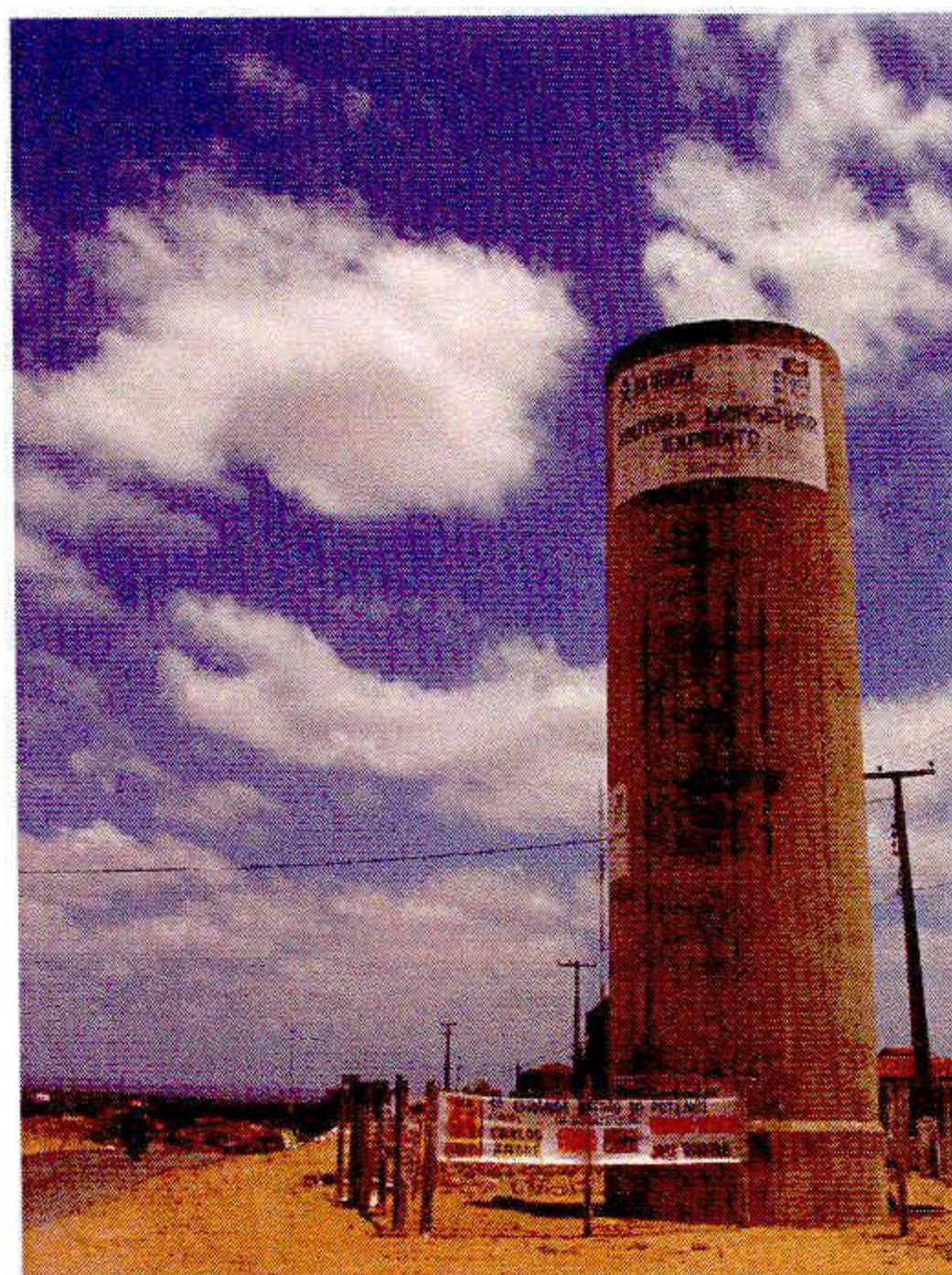
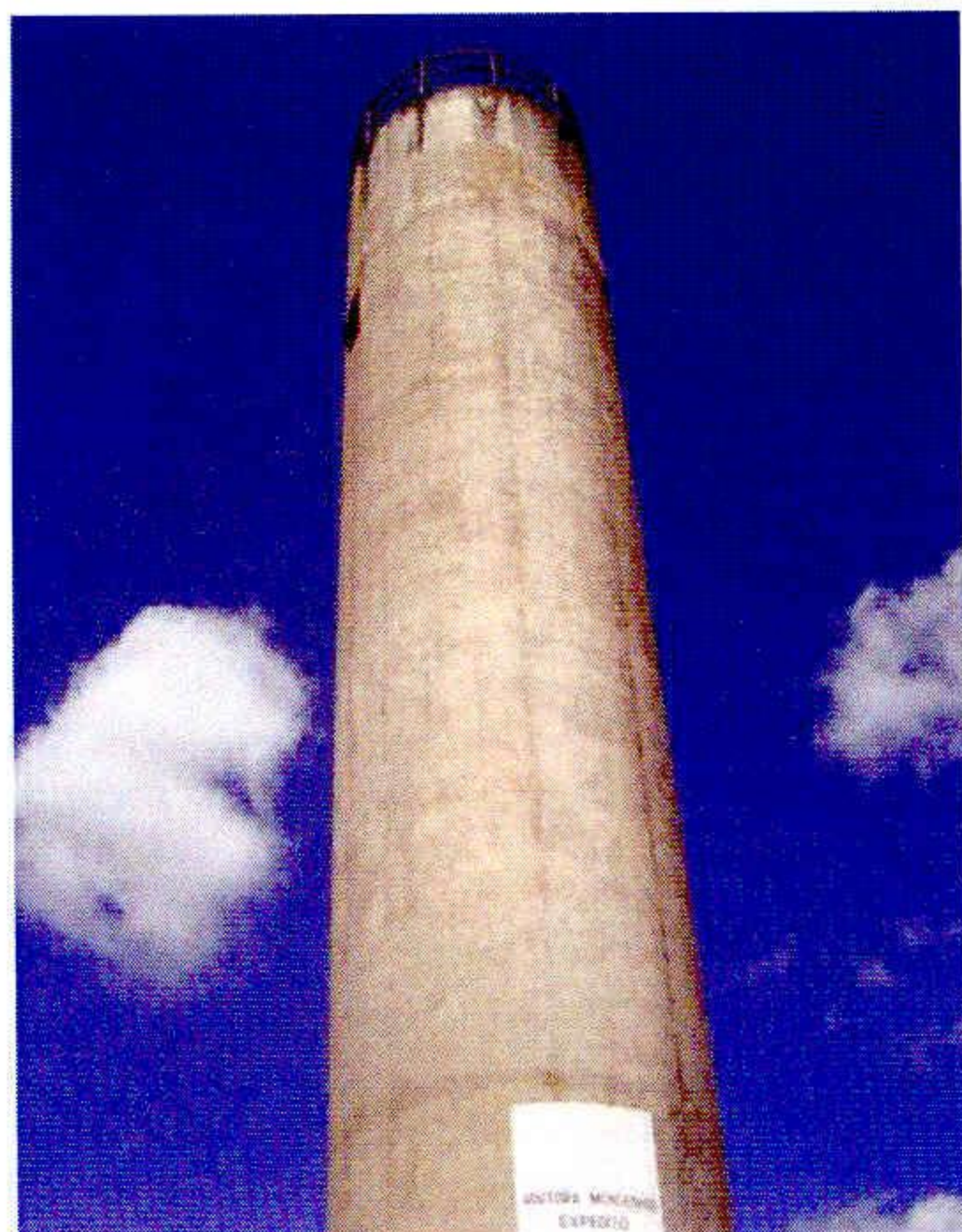


Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

#### 4.2 *Quando a esperança torna-se realidade*

Uma verdadeira cruzada do Monsenhor Expedito entre as cidades mais atingidas pelo fenômeno das secas, reunindo lideranças e autoridades que tinham responsabilidade quanto ao problema, chamou a atenção das bancadas da Assembléia Legislativa do Estado para aprovação do Projeto das adutoras. O projeto foi aprovado por unanimidade – “Programa Estadual de Adutoras, de Aatoria do Deputado Elias Fernandes, convertido em Lei nº 6.225 de 21 de janeiro de 1992 e sancionado pelo Governador José Agripino (QUEIROZ; BATISTA, 2000, p. 74). Programa que realmente saiu do papel e da prancheta dos engenheiros e arquitetos para tornar-se uma emblemática e feliz realidade em todo estado do Rio Grande do Norte. “Representado por um total de seis adutoras que através de 1.200 Km de tubulações, deverão abastecer em seu total 42 municípios e 139 comunidades rurais, beneficiando cerca de um milhão de pessoas (AZEVEDO, 2000, p. 80).

Imagens 21 e 22  
Pontos da Adutora Monsenhor Expedito



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Após tantas iniciativas em prol da promoção da dignidade humana, o Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros completou a travessia do rio de sua vida; passou para a outra margem, a da vida eterna junto a Deus, no dia 16 de janeiro de 2000, data em que a Igreja Católica de Roma acabara de fechar o grande ciclo de celebrações do jubileu em comemoração aos 2000 anos de Encarnação de Jesus Cristo. Embora acometido de algumas enfermidades, Monsenhor Expedito dizia, mantendo seu costumeiro bom humor, que estava “doente de querer bem” (MEDEIROS, 1999, p. 51).

Imagem 23  
Comporta de amor



Fonte: Fonte: <http://sppnews.blogspot.com.br/2012/07/fotos-antigas-de-sao-paulo-do-potengi.html>. Acesso em 20/07/2012.

A vida do Monsenhor Exedito tornou-se um rio por onde navegavam as angústias de seus paroquianos, a luta por justiça social, a audácia em ações de combate à miséria, a obstinação por alavancar projetos de emancipação dos sujeitos. Como que encarnando a persistência das águas que a tudo purificam, regeneram e renovam, pautou sua missão no sertão potiguar desencadeando mobilizações e esperanças que culminaram no grande projeto das adutoras.

Depois, no seu tempo, foi deitar-se nas tranquilas águas, sempre vivas, do rio da eternidade. Do lado de cá permaneceram os afluentes e córregos que ele abriu por seus ensinamentos e testemunho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo portador de uma consciência cristã, deve buscar, incessantemente, a conciliação pacífica nas situações que a exijam. Ela não deve ter em conta a realização pessoal, mas o bem comum do povo de Deus, tal como pensam e agem os profetas. Ser agente de conciliação deve ser encarado como uma necessidade do sacerdote e da instituição que o forma. Aprender a conciliar é um exercício constante exigido por uma exigência vocacional, a qual requer amadurecimento, paciência e confiança na arte de viver. Pressupõe disciplina espiritual e uma disposição para a sabedoria que vai além dos bancos escolares, embora não os despreze ou possa deles prescindir.

Todo e qualquer exercício de conciliação pressupõe um ambiente de discórdia inicial. A busca da paz não exime o agente carismático de situações conflituosas; aliás, elas devem ser vistas como necessárias no processo de busca por mudanças que pressuponham o bem do povo de Deus, a partir do momento em que ele desperta para os problemas que o circundam: retirá-lo das situações de miséria social, financeira, cultural, religiosa e humana, alicerçados em uma conduta de paz foi, e continua sendo, desafio dos homens que lutam por um mundo melhor.

Não era assim que agia o maior de todos os profetas? Jesus Cristo, com seus ensinamentos e com a “boa nova”, transgrediu fortemente o nomos social de seu tempo. Foi transgressor porque uma cultura díspar dos ideais de Deus estava vigente. Entretanto, Jesus nunca usou de violência de qualquer natureza. Em sua missão incitou corações e mentes para o conhecimento da verdade. De forma pacífica e conciliatória, Jesus de Nazaré, o filho do carpinteiro José, modificou o mundo e as relações entre as pessoas, não apenas no cenário sociohistórico, geográfico e cultural em que assumiu sua identidade terrena; ele lançou as fagulhas necessárias a que sua missão tivesse continuidade, independente de sua presença física. Seus exemplos e anúncios se desdobraram ao longo dos milênios, a partir de outros profetas isolados e, sobretudo, pela atuação da Igreja que forma sacerdotes, como o

Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, para que continuem e perpetuem essa missão.

Na missão, são muitos os aspectos a conciliar: vida e ideias, missão e vocação, sacerdócio e profetismo, Igreja e sociedade, Deus e povo. Ela é árdua, ininterrupta e complexa; porém, urgente e condutora de uma perfeição que os católicos chamam de santidade.

Entendendo que toda pesquisa é incompleta, visto que um mesmo fenômeno demanda, na maioria das vezes, múltiplas entradas, questionamentos de outras ordens e universos por explorar, o autor esforçou-se aqui, por destacar o investimento do Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros, em sua dupla jornada como sacerdote e profeta atuando no combate aos ataques à dignidade do nordestino potiguar.

A riqueza do tema é um desafio lançado para outras pesquisas, especialmente no que toca ao trabalho de Renovação Paroquial desenvolvido pelo Monsenhor Expedito, à investigação sobre as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) animadas em seu pastoreio e à exploração do farto material existente no “Memorial Monsenhor Expedito” sediado na antiga Casa Paroquial de São Paulo do Potengi.

Ao navegar pela vida de Expedito Sobral de Medeiros, que se fez arauto da dignidade humana a partir da vivência do Evangelho, se percebe que a adesão ao Projeto de Deus é, na vida de um padre, desde o despertar da vocação, análogo a uma pequena nascente. Porém, a resposta ao chamado não se consuma no dia da ordenação. A execução do projeto acontece, como evidencia a análise sobre a trajetória do Monsenhor Expedito, seguindo as pegadas de Cristo. Seguir tais pegadas no contexto do mundo contemporâneo supõe cuidar do corpo e da alma como preconizam o Concílio do Vaticano II (1962-1965) e as conferências de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

Na porção da Igreja de Deus que lhe coube cuidar, Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros ensinou, com seu testemunho, a escutar, a recomeçar, a persistir e, sobretudo, a acreditar na vida.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUIAR, Roberto. Teodicéias em Weber: o sentido das religiões nas sociedades humanas. In: BRANDÃO, Sylvana (Org). **História das religiões no Brasil**, v.2. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2002.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. CENCIG, Paula Vanina (Orgs.). **Francisco Lucas da Silva: a natureza me disse**. Natal: Flecha do Tempo, 2007.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. Natal: EDUFRN, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- ARANHA, Terezinha de Queiroz. **Significação do estudo da seca para a UFRN**. Natal: EDUFRN, 2005.
- AZEVEDO, Aluisio. **Monsenhor Exedito: o profeta das águas**. Natal: Gráfica Santa Maria, 2000.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 2004.
- CASTAÑEDA, José Antonio Serrano; MORALES, Juan Mario Ramos. **Trayectorias: biografias y prácticas**. México: UPN, 2011.
- CATECISMO DA IGREJA CATOLICA. 357. São Paulo: Editora Vozes, Edições Paulinas, Edições Loyola, Editora Ave Maria, 1993.
- CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COLLARD, Alberto Eugênio. **NEBRA: o nordeste na encruzilhada dos caminhos**. Paris: Edições Dinamiche, 1963.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. **Apostila da disciplina Religião e Inclusão Social**. Recife: UNICAP, 2010.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano e outras interinvenções**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1902.

DAMASCENO, Fábio. O que é a profecia? Quem é o profeta? *In*: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana (Orgs.). **Profetas e profecias**. São Paulo: PUC; Loyola, 2002.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONSATTI, José Carlos. **Profetismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GLEISER, Marcelo. **Criação imperfeita**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução: Paulo Quintela. Coimbra: Edição Atlântida, 1960.

LIBÂNIO, João Batista. **Igreja Contemporânea: encontro com a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Concílio Vaticano II e a modernidade**. Disponível em: [http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/?tac=101](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/?tac=101). Acesso em 25 de julho de 2012.

MAÇANEIRO, Marcial. **A água nas religiões**. Disponível em: <http://www.gper.com.br>. Acesso em: 17 de agosto de 2012.

MARINS, José. **São Paulo do Potengi**. Petrópolis: Vozes, 1965.

MEDEIROS, Expedito Sobral de (Ed.). **Pelos caminhos do Potengi**. São Paulo do Potengi, 1990.

MONTENEGRO, Rosilene Dias; OLIVEIRA, Josineide Silveira de; SILVA, João Adriano; MENESES FILHO, Rosalvo de (Orgs.). **O nordeste e seus desafios**. Campina Grande: EDUFCCG, 2009.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tomo I. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeane Sawaya. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

PAIVA, Vanilda. (Org.). **Igreja e questão agrária**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

PAULO VI. **Carta encíclica Populorum progressio**, 42: AAS 59, 1967.

QUEIROZ, Alcides Francisco Vilar de; BATISTA, Enriqueta Rosa de Castro. **Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros: o apóstolo da esperança.** Natal: Gráfica Santa Maria, 2000.

RIMBAUD, Arthur. **Correspondência.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

SABATO, Ernesto. **La resistencia.** Buenos Aires: Seix Barral. Edición especial para La Nación, 2006.

SAR - Serviço de Assistência Rural - 25 anos, síntese histórica, Natal, 1974.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas.** São Paulo: Editora 34, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **A(s) Ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área de conhecimento.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 13 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ciência e política: duas vocações.** Tradução: Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade.** Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 1991. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade.** Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 1999. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de sociologia e outros escritos.** São Paulo: Abril Cultural, 1974.

#### **DADOS TÉCNICOS DAS ADUTORAS DO RIO GRANDE DO NORTE.**

Disponível em:

[http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj\\_hidrico.asp](http://www.senado.gov.br/senadores/senador/garibaldi/Proj_hidrico.asp).

Acesso em: 08 de agosto de 2012.

#### **NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO: PADROEIRA DA ARQUIDIOCESE E DA CIDADE DE NATAL.** Disponível em:

<http://www.arquidiocesedenatal.org.br/arquidiocese/padroeiraarq.htm>. Acesso em: 17 de agosto de 2012.